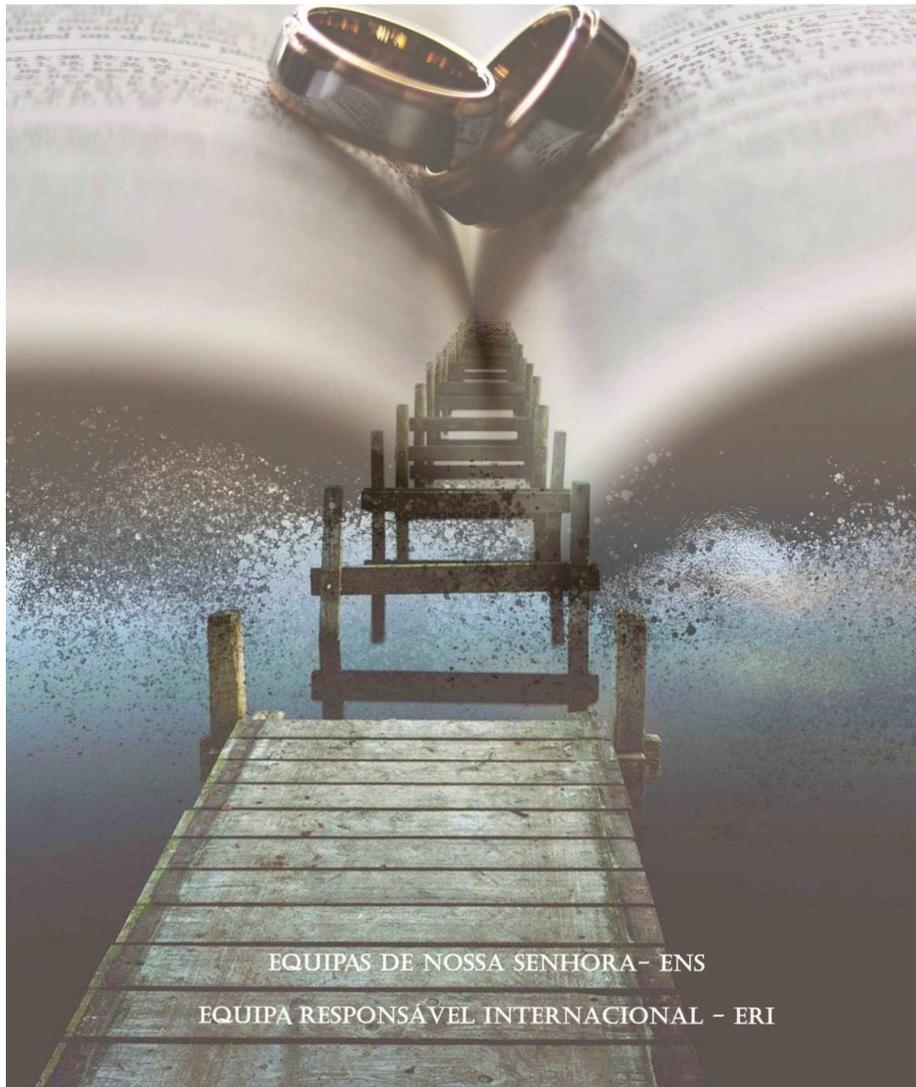


TEMA DE ESTUDO 2020-2021

MATRIMÓNIO SACRAMENTO DE MISSÃO



EQUIPAS DE NOSSA SENHORA - ENS

EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL - ERI

Índice

Prefácio **4**

Procuremos juntos

Capítulo 1 **7**

A dimensão missionária das Equipas de Nossa Senhora

Capítulo 2 **15**

Matrimónio, um caminho de santidade

Capítulo 3 **25**

Marido e mulher, sois mandatados por Cristo para serdes missionários junto do vosso cônjuge

Capítulo 4 **36**

A missão do casal em relação aos filhos

Capítulo 5 **46**

O ministério da hospitalidade

Capítulo 6 **55**

Uma missão em relação aos outros casais

Capítulo 7 **66**

O lar apóstolo

Capítulo 8 **76**

A missão do Céu

Capítulo 9 **86**

Balanço

Anexos **94**





Procuremos juntos

O pensamento do Padre Caffarel, fundador das Equipas de Nossa Senhora, é comparável a uma mina de diamantes a céu aberto. Quando nela se mergulha o espírito, quase sem esforço o nosso olhar depara-se com verdadeiras cintilações luminosas. É porque os descobrimos talhados e polidos por milhares de horas de oração e meditação: as suas intuições são habitadas no estado nativo por uma luz que o nosso fundador soube captar através das múltiplas reflexões trocadas com todos esses casais santificados pela graça do matrimónio. Nós apenas nos contentámos em os encastrar nos anéis dourados do matrimónio para revelar a sua grandeza. O risco para o leitor será o de considerar os textos um pouco elaborados ou demasiado densos: o nosso objetivo terá sido alcançado se conseguirmos despertar o desejo de saberem mais sobre o pensamento do Padre Caffarel.

As vozes do Papa Francisco e do Padre Caffarel unidas num mesmo apelo

Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». (Papa Francisco, A Alegria do Evangelho n.º 120)



Diante dos desafios da nova evangelização, a injunção do Papa Francisco surpreendentemente atende às profundas intuições do Padre Caffarel, onde a experiência espiritual se abre à missão: *“Os homens que rezam são como as fibras que se ligam ao tronco do ramo partido: ainda dará flores e frutos.”*... [L’Anneau d’Or (AO), n.ºs 135-136, p. 137)]. E este impulso missionário caracteriza ainda mais profundamente a fertilidade do casal que *“Deus usa para alcançar seu grande propósito, estando ao serviço da união de Cristo e da Igreja.”* (AO, 111-112, 327)

Como não podemos deixar de nos espantar com esta surpreendente correspondência e com a atualidade da mensagem das Equipas de Nossa Senhora? Figuras de santidade e o Magistério da Igreja acolhem numa mesma perspectiva a realidade espiritual vivida no nosso tempo: as primeiras com uma audácia com conotações proféticas, a segunda com o distanciamento e a sabedoria da confirmação reservada ao ensino do sucessor de Pedro. Para dizer a verdade, no pensamento do Padre Caffarel não se encontrarão iniciativas imperativas e práticas sobre o que deveria ser o apostolado do casal, talvez com a exceção de incentivar a hospitalidade e de acompanhar casais que se preparam para o matrimónio ou feridos pela provação. Mas a preocupação de vitalizar o apostolado através de uma vida espiritual fervorosa nunca deixa o seu olhar preocupado com as convulsões do tempo.

O plano dos encontros

Começaremos por apresentar os nossos argumentos ao provar a natureza missionária das equipas (capítulo 1). Depois, a nossa exploração das várias facetas da missão do casal na escola do padre Caffarel basear-se-á na experiência trinitária do casal enquanto participante na santidade de Deus (capítulo 2). A seguir, iremos percorrer, tal como o fluxo da água viva que constitui a

graça, a surpreendente diversidade da missão do casal: a santificação mútua dos cônjuges (capítulo 3), os filhos (capítulo 4), a hospitalidade do lar (capítulo 5), a atenção aos outros casais (capítulo 6), a vida profissional e os compromissos no exterior (capítulo 7). Em última análise, a graça jorrando de Deus volta para Ele e aí se afunda no imenso oceano da sua eterna glória para a qual todos somos convidados. Uma das mensagens mais inspiradas do Padre Caffarel é a de pressentir que os laços entre cônjuges "são mais fortes que a morte" (capítulo 8): se a santidade é a perfeição da caridade, o amor do casal é mais do que uma disponibilidade e uma ajuda mútua, concretizando a imagem última e eterna de seu autor, ou seja, a comunhão Trinitária. Compreender a natureza da missão cristã é, assim, compreender o plano de amor de Deus para a humanidade: o casal é muito mais do que um começo, é a sua realização, como confirmado pelas muitas parábolas evangélicas que retratam o Céu como um mistério de Matrimônio.

Teriam sido possíveis outras formas de organização. A escolha deste plano parece-nos refletir o conceito que o padre Caffarel tinha sobre o Ministério da Palavra que incumbe ao casal: jorra do coração a coração com Deus que há no amor dos cônjuges, para se desdobrar em círculos centrífugos e, em última análise, ser reabsorvido no imenso louvor do Céu do povo "*dos adoradores em espírito e em verdade*". Este plano é, de resto, semelhante às 10 propostas que ele apresentou por ocasião do Concílio na *Missão Apostólica do Casal e da Família* (1961).

Atualidade do tema

Como é atual esta renovação espiritual traçada pelo fundador das Equipas para dar impulso à missão! É a riqueza e a profundidade desta herança que ambicionamos dar a saborear aos equipistas: um resumo curto e denso próximo dos escritos do Padre Caffarel, a colocação em

paralelo de textos complementares retirados dos escritos do Papa Francisco, questões para estimular a partilha em equipa.

Talvez possamos considerar a exigência proposta demasiado ambiciosa ou mesmo utópica: seria esquecer que a espiritualidade das Equipas do Padre Caffarel é um impulso, um caminho que requer uma implementação gradual e que integra os pontos fortes e a maturidade espiritual de cada casal.

Concluimos citando este texto:

“Se as Equipas de Nossa Senhora não são uma sementeira de homens e mulheres prontos para assumir com coragem todas as suas responsabilidades na Igreja e na sociedade, perdem a razão de ser” (Citação do Padre Caffarel em *A missão do Amor*, p. 3-4)

“O Padre Caffarel insistia com especial afinco na necessidade de saber atribuir à palavra espiritualidade um sentido integral, um sentido completo: aquele que não permite separar os aspetos que, em princípio, podemos identificar como espirituais na nossa vida diária, como sejam a oração e a vida interior, dos de um compromisso de viver em plenitude o nosso ser cristão. No lugar onde estamos, aí onde vivemos, na nossa família, casa, local de trabalho, atividades de tempos livres, ... devemos ter Cristo como exemplo e, muito especialmente, servir como Ele faria” (*A missão do Amor*, 44)

O termo “discípulo-missionário”, caro ao Papa Francisco, passa então a ser o “casal missionário”, referindo-se a dois discípulos que vivem plenamente da santidade do seu matrimónio.



“As Equipas de Nossa Senhora, comunidade da Igreja, são comunidades missionárias. E se um dia deixassem de o ser, deixariam de ser uma comunidade da Igreja.”

(HC, As ENS. A sua missão, 1957)

Capítulo 1

A dimensão missionária das Equipas de Nossa Senhora

1. Oração ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo, e enviai dos céus um raio de vossa luz. [...]

Vinde, pai dos pobres, vinde, doador dos dons, vinde, luz dos corações.

Vinde Espírito Santo [...] Ó luz beatíssima, enchei o íntimo dos corações dos vossos fiéis.

(Veni Sancte Spiritus)

2. Apresentação dos elementos de reflexão

Havendo 2,5 mil milhões de cristãos em 8 mil milhões de pessoas, a urgência da missão no mundo não diminui e apela a novos testemunhos do Evangelho. A vitalidade das Equipas de Nossa Senhora revela um lugar providencial de compromisso de leigos encorajados pelo Vaticano II e pelos papas que vieram a seguir: a santidade do casal. Mas quais são os contornos específicos para esta missão?

Para a compreender, o padre Caffarel imagina o exemplo de cinco líderes da comunidade cristã que aceitam o desafio da nova evangelização. O primeiro escolhe dirigir todos os seus esforços para a promoção do fervor cristão através da oração, dos sacramentos, da formação. O segundo acres-

centa a preocupação de cristianizar todos os aspetos da vida civil: profissional, política, doméstica. O terceiro, marcado pelo mandamento de Cristo "*Sede um só como o meu Pai e eu somos um só*", centra os seus esforços na unidade e na fraternidade da sua comunidade. O quarto apercebe-se de que a vida dos seus paroquianos gravita principalmente em círculos seculares, muitas vezes longe da fé. Investe a sua energia na moralização dos ambientes afastados da Igreja: justiça social, solidariedade, dignidade da pessoa, respeito pelos mais pobres... O quinto faz uma descoberta fundamental: todas as comunidades humanas são constituídas não por pessoas isoladas, mas por lares de família. A urgência da missão é cristianizar os casais e as famílias, células primárias da sociedade e da Igreja. Cada pessoa santificada dentro do seu círculo familiar será então portadora de uma rica fertilidade cristã para todos os círculos da vida humana.

A intuição missionária das Equipas de Nossa Senhora

É esta a intuição do Padre Caffarel: a família tem como vocação ser o ambiente original da missão. A missão é fazer com que o divino penetre na massa humana, à semelhança da personificação da Palavra. O carisma das Equipas de Nossa Senhora contribui para a santificação do mundo ao cristianizar especificamente o amor do casal. Este apostolado da encarnação, bem longe de ser um apostolado de evasão, testemunha e apela todas as famílias da terra para que acolham e vivam da presença da Palavra que veio até nós para salvar o amor de Deus e o amor dos homens. O Padre Caffarel, numa bela imagem, compara o carisma das Equipas de Nossa Senhora a uma lupa que concentraria os raios do sol num único ponto. Trata-se, no espírito das Equipas, de deixar Cristo agir a partir da graça do matrimónio e, assim, fomentar um impulso missionário que se espalha para fora até às periferias.

É uma ideia datada e utópica? Desde que a carta foi promulgada em 1947, as Equipas expandiram-se rapidamente na Europa e depois em todo o mundo: em mais de 20 países 10 anos depois, atualmente em 85 países. O movimento teve, portanto, uma expansão tão inesperada como universal. Só por si, esta incrível fertilidade mostra como a ideia fundadora

do movimento foi e continua a ser profética. Confirma a expectativa e a necessidade internacional de uma profunda espiritualidade conjugal baseada na oração, qualquer que seja a cultura. Verdadeiros sinais dos tempos, os casais nas equipas descobrem que não são recipientes passivos da graça do matrimónio, mas que esta transforma cada família numa pequena Igreja (Ecclesiola), que se torna então portadora da vocação missionária de toda a Igreja.

Qualquer missão está enraizada numa vocação, num chamado específico. A dimensão internacional do movimento é a melhor prova da natureza intrinsecamente missionária das Equipas: *“Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.”* (Jo 13, 35)

O nosso mundo moderno espera uma alma acrescida

A graça do sacramento do matrimónio configura o casal a Cristo na tripla dimensão batismal de padre, profeta e rei. Abre o amor dos cônjuges a uma dimensão de Pentecostes que dá frutos de “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (cf. Ga 5, 22-23). Criado à imagem de Deus, o casal não só reproduz na sua vida as maneiras de fazer do Criador, como O torna presente e vivo ao constituir pela sua vida um ícone visível do eterno dom do Pai ao Filho, do Filho ao Pai e do derramamento do Espírito Santo: está cheio da Trindade e irradia-a transbordando para os outros na missão.

Selado por uma aliança original e regenerado em Cristo, o amor dos cônjuges revela-se uma das missões privilegiadas a que Deus recorre para levar a cabo o seu grande projeto de Salvação do Mundo. Está, como diz Paulo, ao serviço da união de Cristo e da Igreja.

“Uma Equipa de Nossa Senhora é uma escola da vida cristã.

Uma Equipa de Nossa Senhora é um laboratório de espiritualidade do cristão leigo casado.

Uma Equipa de Nossa Senhora é um centro de divulgação dessa mesma espiritualidade.

Uma Equipa de Nossa Senhora é um testemunho.” (HC, *Objetivos do Movimento*, 1952)



3. Textos para reflexão

Do Padre Caffarel

Mas gostaria que soubessem, e volto a dizê-lo solenemente hoje: se um dia a Igreja me dissesse que as Equipas de Nossa Senhora são inúteis, asseguro-vos que não esperaria 24 horas para as dissolver e pedir aos seus membros que fossem para onde melhor pudessem servir a Igreja. (HC, *As ENS. A sua missão*, 1957)

O lar cristão participa da função apostólica da Igreja.

Também vejo numa renovação do matrimónio cristão a nível global uma grande ajuda que Cristo oferece à sua Igreja. Numa altura em que o crescimento da população mundial se torna vertiginoso... é urgente que se multipliquem os testemunhos de Cristo em todo o mundo. E precisamente, se os lares cristãos, em cada vez maior número, descobrissem que já não bastava contentarem-se com ser os beneficiários da ação santificante da Igreja, mas que devem, em massa, levar o seu apoio à sua ação apostólica, que lhes falta serem uma "epifania" do mistério de Cristo e da Igreja, então, estou convencido, assistiríamos a uma prodigiosa expansão do Reino de Deus.

Finalmente, vejo na renovação do matrimónio uma preciosa esperança para as regiões do mundo onde as estruturas eclesíásticas estão paralisadas ou abolidas, onde o próprio culto nem sempre é possível. Aí a Igreja de Cristo refugia-se, concentra-se, se me é permitido dizê-lo, em lares profundamente cristãos. E nestas famílias de catacumbas vive uma vida, elementar sem dúvida, mas capaz dos mais belos frutos da santidade, e aí se perpetua. E Cristo prepara aí uma nova primavera da sua Igreja. (AO, 107, 382)

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO ORGANIZADO PELAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Sala Clementina, quinta-feira, 10 de setembro de 2015

Convido os casais, fortalecidos pelo encontro em equipa, ao compromisso missionário. Esta missão que lhes está confiada é muito importante porque a imagem da família – como Deus a quer, composta por um homem e uma mulher

em vista do bem dos cônjuges e também da geração e da educação dos filhos – está deformada mediante poderosos projetos contrários, apoiados por colonizações ideológicas. Sem dúvida, já sois missionários mediante a irradiação da vossa vida de família em relação aos vossos âmbitos de amizade e de relações, e também além. Com efeito, uma família feliz, equilibrada, habitada pela presença de Deus fala por si mesma do amor de Deus por todos os homens. Mas convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada, nas atividades que podem ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé particularmente os jovens casais, antes e depois do matrimónio.

Exorto-vos também a continuar a estar próximos das famílias feridas, que hoje são tão numerosas, devido à falta de trabalho, à pobreza, a um problema de saúde, a um luto, à preocupação causada por uma criança, ao desequilíbrio provocado por uma distância ou uma ausência, a um clima de violência. Devemos ter a coragem de entrar em contacto com estas famílias, de modo discreto mas generoso, material, humana ou espiritualmente, nas circunstâncias em que são vulneráveis. Por fim, não posso deixar de encorajar os casais das Equipas de Nossa Senhora a serem instrumentos da misericórdia de Cristo e da Igreja para com as pessoas cujo matrimónio fracassou.

Vocação e missão

Nesta nova etapa, o Movimento assume conscientemente o sentido real da sua missão na Igreja e no mundo. Por isso, reafirma que o seu carisma é não só cultivar a espiritualidade conjugal, mas também garantir a promoção dum espírito missionário em cada membro, em cada equipa. (p. 20).

Tudo isto pode significar um novo fôlego e um novo espírito na difusão do Movimento. Com efeito, no contexto da Nova Evangelização, importa dar a conhecer ao maior número possível de países as riquezas do casamento cristão. Sabemos como a pedagogia das Equipas de Nossa Senhora é um fermento para fazer evoluir positivamente a relação homem-mulher. (p. 22).

4. Questões para o Dever de Se Sentar

Um padre ou um casal falaram-nos um dia das Equipas de Nossa Senhora e o seu entusiasmo fez com que entrássemos numa equipa (onde conhecemos as Equipas de Nossa Senhora de outra forma). Lembremo-nos desse momento, louvemos o Senhor por essa oferta e por aqueles que no-la deram.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências vividas durante o mês, as que foram significativas na vida de cada um em particular ou do casal.
- Partilhar sobre o lugar que a equipa e o movimento das Equipas de Nossa Senhora ocupam na nossa vida.

B – Tempo de oração

Mt 9, 10-13

Os fariseus, vendo isto, diziam aos discípulos: «Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?» Jesus ouviu-os e respondeu-lhes: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.»

Lc 14, 12-14

Disse, depois, a quem o tinha convidado: «Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.»

C – Partilha de um PCE: *Palavra de Deus*

Propomos que se comece com a **Palavra de Deus**, base de toda a nossa vida cristã.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. As Equipas de Nossa Senhora desenvolveram-se “naturalmente” porque os primeiros casais ficaram maravilhados e entusiasmados. De que maneira falo das equipas?
2. Como convencer os casais dos benefícios das equipas?
3. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança?
4. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
5. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

PAPA FRANCISCO: *EVANGELII GAUDIUM*

Vós, Maria, levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.
Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.

Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.

Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.

Vós, Virgem da escuta e da contemplação,
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.

“Este apostolado da santidade é, de certa forma, o único verdadeiro.”

(AO, 111-112, 239)



Capítulo 2

Matrimónio, um caminho de santidade

1. Oração ao Espírito Santo

“De Vós, Senhor, vem todo o bom pensamento, todo o bom desejo, todo o bom projeto, todo o bom esforço, todo o bom sucesso.”

“Espírito Santo, Vós sois o autor do amor sobrenatural nos nossos corações. Fazei que esta graça de amor cresça em mim apesar da minha indignidade” (segundo S. John Henry Newman).

2. Apresentação dos elementos de reflexão

Para começar a caminhar numa estrada é preciso, em primeiro lugar, conhecer o destino. Acontece que o objetivo final de Deus para o mundo é a plenitude da glória do Céu (“*é na tua luz que vemos a luz*” Sl 36), uma outra forma de falar da santidade à qual somos todos chamados.

Casal Santo: Alegria para a Igreja. Testemunho para o Mundo

Este tema foi amplamente tratado em “*Casal Santo: Alegria para a Igreja. Testemunho para o Mundo*” e é de bom grado que vos reencaminhamos para ele: o Padre Caffarel discorreu

longamente sobre esta ideia de que *“quanto mais nos santificarmos como pessoa, como casal e como Equipa de Base – nossa vocação última – tanto mais fecundos nos tornaremos para a Igreja e para o mundo”*. É assim que ele o explicita: *“nas nossas Equipas, é verdade que Cristo trabalha para nos santificar, e em primeiro lugar para nos santificar porque se não formos santificados ele não poderá agir através de nós. Ser santificado significa ter cedido o lugar a Cristo e assim permitir que Ele possa agir. Não ser santificado significa ser impermeável a Cristo, sendo um instrumento de que Ele não se pode servir...”*. E continua: *“Um santo não é, acima de tudo, como muitas pessoas imaginam, um campeão que realiza proezas de virtude, façanhas espirituais. É, sobretudo, um homem seduzido por Deus. E que entrega a Deus toda a sua vida.”* (AO, 111-112, 291)

Esta consagração a Deus não é, portanto, exclusiva dos religiosos ou sacerdotes: cada lar cristão é, pelo sacramento do matrimónio, consagrado por Deus. Se o casal consentir nesta vocação e missão primárias, ocorre então uma verdadeira metamorfose do amor dos cônjuges que se estende de próximo a próximo em toda a vida da família. Esta fonte de santificação torna os cônjuges em verdadeiros guardiões do mistério de Deus.

“O casal cristão é transformado num outro casal. Transformado em profundidade no seu “ser conjugal”, retirado do mundo pecador, torna-se o bem de Deus, introduzido no Reino, o lar cristão é de uma essência completamente diferente dado lar não-cristão: numa palavra, é uma célula da Igreja. E esta transmutação, iniciada no dia em que receberam o sacramento, ocorre pouco a pouco ao longo da vida do casal.” (AO, 111-112, 231)

Ligação entre santidade e missão: o amor santificado torna-se santificante

A santidade está no início e no fim da vida de cada casal: a santidade de Deus como uma fonte de graça inextinguível, por um lado constantemente acessível ao casal, por outro

lado a santidade do casal como união eficaz a Deus e testemunho do seu amor ao mundo. O amor santificado dos cônjuges torna-se santificante. O esforço de oração e de ascese exigido nas equipas não é uma espécie de receita para o sucesso conjugal, mas a vocação profunda e a missão do lar cristão instituído por Deus. Estes meios estão menos dedicados ao serviço da santidade individual de cada membro da família do que ao da comunhão de amor e de vida que os une. O Padre Caffarel não hesita em falar de divinização. Toda a vida do lar se torna portadora de graça se estiver ao nível da ambição divina. Pouco importa qual é a etapa do caminho em que estão os progressos espirituais do casal: este é o termo, este é o caminho. O ideal da santidade é o ideal e a primeira missão do casal.

Movimento de iniciação e de perfeição para o mundo

O fundador destaca a natureza profunda das Equipas: simultaneamente um movimento de iniciação e um movimento de perfeição. A graça está plenamente presente desde o início do sacramento do matrimónio e a missão de perfeição a que as equipas são convocadas é a de a ela se entregarem num abandono cada vez maior. Esta missão é tanto mais urgente na medida em que os atuais desafios da evangelização exigem, de forma talvez inédita na história do mundo, uma santidade de leigos. Devemos acrescentar que a exigência de santidade não é apenas um pré-requisito para a força da missão. Tem a sua própria finalidade que vai para além da ação. Em última análise, este mundo dará lugar a uma nova terra e a novos céus, o Céu (*cf.* cap. 8).

“A oração mística não tem de ser justificada pela sua eficácia, muito menos pela sua eficácia no que toca à ação. É de uma outra ordem, misteriosa, superior. No entanto, os maiores homens de ação no Reino de Deus foram grandes místicos. Nada é, portanto, mais falso e mais pretensioso do que contrariar os místicos e os homens de ação, reservando aos primeiros as altas formas de oração, aos segundos os empreendimentos apostólicos.” (AO, 91, 13)

3. Textos para reflexão e testemunhos

Do Padre Caffarel

O amor cristão é autenticamente humano; é ao mesmo tempo sobrenatural: a caridade, esse amor que desce do coração de Deus, que trabalha a partir de dentro como uma seiva poderosa e que o faz dar frutos da santidade. (AO, 2-3-4, 9)

Conheço homens e mulheres que um belo dia decidiram reagir. Pensaram nas suas existência sem função da sua vida cristã e não ao contrário. Alguns tiveram de fazer mudanças profundas na organização das suas vidas. Não estou a dizer que o fizeram de um dia para o outro, que o seu programa nunca tivesse sido abalado por razões de força maior. Mas o que vos posso dizer é que, para estes líderes empresariais, estes médicos, estes trabalhadores, estas mães de famílias numerosas – que não estão menos carregadas do que vocês – a vida transformou-se a partir do momento em que a Eucaristia, a Palavra de Deus e a oração encontraram lugar na vida do dia-a-dia. Em relação a eles não temo o colapso da sua fé nem dos seus lares. Estão vivos. (AO, 62, 97)

O que me parece que falta à comunidade cristã e aos seus membros é a vitalidade: neles não há nenhuma violência, nenhuma paixão. No que me toca, creio que a razão de ser desta anemia inquietante está na insatisfação dos cristãos de hoje no que diz respeito a rezar, e particularmente por essa forma de rezar, do homem cara a cara com o seu Deus, a que chamamos oração. Sem ela, a Palavra de Deus, os sacramentos são de alguma forma fontes seladas, energias não utilizadas... Porque os cristãos não se abastecem da força divina através da oração, amolecem na ação; porque não contemplam a grandeza de Deus, permanecem pusilânimes; porque não se elevam até aos pensamentos do Senhor, têm apenas uma visão míope dos problemas do mundo; porque não se ligam à energia criativa, são ineficientes. Numa palavra, quando os cristãos não praticam a oração, permanecem como que fixados num estado de infantilidade...

Em todos os homens de oração cuja evolução me foi possível seguir, constato de facto uma afirmação da personalidade, uma maior serenidade, uma visão que é simultaneamente

mais ampla e mais realista dos problemas, uma eficiência multiplicada, – resumindo, um aumento da vitalidade humana e sobrenatural. Não se tornam perfeitos de um dia para o outro, não são miraculosamente libertados dos seus defeitos e dos seus limites. Mas, enfim, são ADULTOS. (AO, 25, 3)

No mundo contemporâneo, seria necessário ambicionar que manifestasse a santidade de Cristo, que ao longo dos séculos se manifestou nos mártires, que se manifestou nos grandes Doutores, que se manifestou nas Virgens, que se manifestou em eremitas, que se manifestou nos missionários que deixaram tudo, que se manifestou em Apóstolos de todas as profissões e origens sociais¹. No século XX seria necessário fazer que se manifestasse nos casais a santidade de Cristo. A verdade é que quando alguém se pretende colocar sob a proteção de santos casados tem imensas dificuldades em encontrar algum que não esteja na lista dos santos das lendas. Incumbe-vos tornarem-se nesses santos! (HC, *Porquê as Equipas de Nossa Senhora? Exigências e missão*, 1949)

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

72. O sacramento do matrimónio não é uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo dum compromisso. O sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos, porque «a sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja. Os esposos são, portanto, para a Igreja a lembrança permanente daquilo que aconteceu na cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação, da qual o sacramento os faz participar».

¹Nota dos tradutores: No texto original do P. Caffarel é usada uma expressão cujo sentido se procurou manter numa frase simples. Pretendia fazer alusão ao facto de os Apóstolos terem sido escolhidos independentemente das suas profissões (muitas delas caracterizadas pelo tipo de vestimenta usada) e das origens sociais (tanto escravos como homens livres).

GAUDETE E EXSULTATE

19. Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade, porque «esta é, na verdade, a vontade de Deus: a [nossa] santificação» (1 Ts 4, 3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho

33. Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo. Assim nos ensinaram os Bispos da África ocidental: «Somos chamados, no espírito da nova evangelização, a ser evangelizados e a evangelizar através da promoção de todos os batizados para que assumam as suas tarefas como sal da terra e luz do mundo, onde quer que se encontrem».

34. Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça. No fundo, como dizia León Bloy, na vida «existe apenas uma tristeza: a de não ser santo».

Testemunho de um padre, conselheiro espiritual de duas Equipas de Nossa Senhora

Cerca de 10 anos depois do nosso casamento, a minha mulher Françoise faz-me uma espantosa declaração:

“Olha, se eu morrer primeiro, sei que te tornarás padre e que serás muito feliz.”

O coração de apóstolo da minha mulher era também o de um profeta: Françoise partiu para o Senhor 10 anos depois, sucumbindo a um cancro implacável, e neste ano 2020 irei celebrar um belo jubileu com o meu Arcebispo: os meus 25 anos de sacerdócio!

“Quero que a minha alegria esteja em vós e que seja perfeita”. Sim, que alegria consagrar nas minhas humildes mãos o corpo de Cristo que a minha santa Françoise adora no céu!

Testemunho de um equipista

Fui batizado quando nasci. Não recebi nenhuma educação religiosa, ao contrário da minha mulher. Casámo-nos diante do Senhor. Para Suzanne, foi um sacramento. Para mim, uma forma de lhe dar testemunho o meu amor. Mais tarde, a Suzanne propôs-me que participássemos numa sessão para famílias em Paray-le-Monial. Perder uns dias das nossas férias para nos misturarmos com uma multidão de católicos zelosos... não tinha nada a ver comigo! A Suzanne soube como dizer-me as coisas: "Não és obrigado a nada, vem e logo verás."

Inscrevi-me para um tema sobre os pais de família. Um cavaleiro de certa idade começou a fazer-nos rir antes de apresentar propostas tão inovadoras para mim que me desfiz em lágrimas alguns minutos depois. Falava simplesmente de amor, do amor dos pais pelos seus filhos, das dificuldades dos pais em expressar esse amor. Também da sua necessidade. Expressava em palavras simples a força do amor de Deus. Fiquei profundamente emocionado. Este cavaleiro era o Padre Sonet. Fazia eco das dificuldades de relacionamento que tinha com o meu filho mais velho.

A minha mulher (sempre ela!) falou-me das Equipas de Nossa Senhora. Porque não! Mas mesmo assim, sentia-me tímido. "Ouve, vamos uma vez... e logo se vê".

Apenas me tranquilizou muito moderadamente! Descobri uma equipa jovem e dinâmica com um padre que compreendeu o meu percurso. Tranquilizou-me: não fui julgado!

Pouco depois, o nosso segundo filho veio interrogar-me quando se preparava para a sua primeira comunhão. "Papá, porque não a fazes também?" Como é evidente, imediatamente todos os equipistas me apoiaram. Um ano de reuniões mensais ao domingo, ricas em partilha, em ensinamentos e em missas particularmente fraternas.

Estava impressionado com a fé vibrante de alguns catecúmenos, maltratados pela vida.

Recordo-me dos anos em que avançava, de braços cruzados, para a bênção dominical.

Os olhares espantados dos paroquianos e, por vezes, também dos padres, atendendo à minha idade (45 anos). Tive tempo de me aproximar, lentamente, suavemente, do mistério da comunhão e de a desejar profundamente. Ou seja, estava feliz ao comungar. Hoje, a Eucaristia permite-me estar ligado, todos os domingos, a este amor de Deus. Aquele cuja descoberta me emocionou. Dá-me forças para acompanhar a Suzanne.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

“Por outro lado, a santidade do casal como uma união eficaz a Deus e testemunho do seu amor ao mundo”: louvemos o Senhor que nos oferece o Seu Amor e perguntemo-nos como dele damos testemunho.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências do mês, quer as que foram significativas na vida de cada um em particular quer do casal.
- Partilhar o que tem sido para nós sinal da presença de Deus ao longo deste mês.

B – Tempo de oração

Mt 1, 18-21

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava desposada com José; antes de coabitarem, notou-se que tinha concebido pelo poder do Espírito Santo. José, seu esposo, que era um homem justo e não queria difamá-la, resolveu deixá-la secretamente. Andando ele a pensar nisto, eis que o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados.»

C – Partilha de um PCE: *Oração*

Partilhemos pontos de vista sobre a **oração**, que é um meio para progredir na santidade.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. Em termos concretos, o que diz a cada um de nós a frase do Padre Caffarel: *“Um santo não é, acima de tudo, como muitas pessoas imaginam, um campeão que realiza proezas de virtude, façanhas espirituais. É, sobretudo, um homem seduzido por Deus. E que entrega a Deus toda a sua vida.”*
2. Em que medida o nosso matrimónio permite que sejamos verdadeiramente uma “célula da Igreja”?
3. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.
4. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa?
5. Há alguma coisa nesta frase que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

PAPA FRANCISCO: SAGRADA FAMÍLIA

Jesus, Maria e José,
em Vós, contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
a Vós, com confiança, nos dirigimos.

Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias

lugares de comunhão e cenáculos de oração,
escolas autênticas do Evangelho
e pequenas Igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais se faça, nas famílias, experiência
de violência, egoísmo e divisão:
quem ficou ferido ou escandalizado
depressa conheça consolação e cura.

Sagrada Família de Nazaré,
que o próximo Sínodo dos Bispos
possa despertar, em todos, a consciência
do carácter sagrado e inviolável da família,
a sua beleza no projeto de Deus.

Jesus, Maria e José,
escutai, atendei a nossa súplica.

http://w2.vatican.va/content/francesco/fr/prayers/documents/papafrancesco_pregchiere_20131229_santa-famiglia.html

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.



“Se sois leais com o amor, o amor levar-vos-á para muito longe e bem alto; ele vos fará descobrir um amor a Deus cada vez mais profundo.”

(AO, 84, 430)

Marido e mulher, sois mandatados por Cristo para serdes missionários juntos do vosso cônjuge

1. Oração ao Espírito Santo

“Senhor Jesus, inunda-me com o Teu Espírito e a Tua vida. Toma posse de todo o meu ser para que a minha vida seja apenas um reflexo da Tua.

Irradia através de mim, vive em mim, e que todos os que eu encontrar possam sentir a Tua presença junto de mim. Olhando para mim, apenas te verão a Ti.” (S. John Henry Newman)

2. Apresentação dos elementos de reflexão

Os primeiros tempos do matrimónio são frequentemente acompanhados por um declínio na vida cristã: os casais põem em confronto o amor humano e o amor divino sem se aperceberem que, pelo contrário, a vida do casal apela a uma nova missão de santificação para com o amado. A teologia latina ensina que os cônjuges são os ministros do seu próprio matrimónio. Isto não é apenas verdade para a celebração na

igreja, mas para toda a vida. O ministro de um sacramento está em missão de santificação em nome de Cristo. Os cônjuges têm a missão de se santificarem um ao outro ao longo das suas vidas.

Esta missão é um desafio

Amar é suficiente para fazer o cônjuge crescer? Coloca-se com regularidade um dilema condicionado pelas renúncias exigidas pela vida em comum: vou fazer o sacrifício por ele? Vou fazer o sacrifício por mim? É verdade que o primeiro amor para com o outro é uma mistura gratuita de pura homenagem, de oferta de si mesmo, de vontade ardente e altruísta da felicidade do cônjuge; no entanto, rapidamente tem início um segundo movimento, mais interesseiro e menos gratuito, porque o ser querido assegura presença, alegria, plenitude e a nossa própria realização. O risco é relacionar o amor ao próprio prazer, que passa a ser a medida.

O padre Caffarel, questionado sobre o risco de arrefecimento que ameaça o casal, resume o desafio da missão para com o cônjuge numa resposta lapidar: *"Decidir não fazer mais nada por aquele que se ama, não é apenas o sinal, mas, antes de mais, a causa do declínio do amor"*

Sim, há uma tentação de paralisar e calcular o amor conjugal que se autojustifica no medo sombrio ou ciumento de perder, no medo de não ter o suficiente, na desilusão crónica em relação ao outro.

Por outro lado, o marido e a mulher que realmente se amam são habitados por uma espécie de tensão, uma preocupação constante e saudável pela felicidade do outro, paciente e conquistadora, um sofrimento surdo por não poder contribuir mais para essa felicidade. Impulsionados por um amor todos os dias renovado em Cristo, aprendem a ser missionários um para com o outro. Há uma forma de salvar o amor dos cônjuges: mobilizar cada vez mais a graça do matrimónio para continuar a crescer nesse dom.

Que meios aconselha o Padre Caffarel para enfrentar o desafio da santificação do cônjuge?

Os meios da missão em relação ao cônjuge: transformar o seu olhar, dar conselhos, garantir o apoio

Para o Padre Caffarel, a missão recíproca dos cônjuges exige uma atitude de ajuda mútua imbuída de caridade que se desdobra em três dimensões: olhar como Deus olha, aconselhar o cônjuge, apoiá-lo fielmente nos seus esforços.

O olhar de Deus é criador: olhando, cria. O olhar amoroso dos cônjuges deve procurar furar a carapaça da aparência que petrifica a alma e ir ao encontro do seu ser através da fissura do amor. Amar é, antes de mais, conhecer. O amor total ao cônjuge apela a que se unam aos olhos de Deus, que vêem cada pessoa a promessa de glória que aspira oferecer-lhe no Céu. Procurar conhecer desvendando e deixar-se conhecer revelando fazem parte desta missão do olhar que descentra, dá confiança e consola. Este caminho requer que se supere o medo do olhar do outro, de deixar transparecer as próprias fragilidades. Perdoar verdadeiramente é voltar a unir-se à profundidade e à bondade do ser querido para além dos atos que magoaram.

Ver-se a si mesmo com os olhos do outro abre então uma forma de controlo recíproco e de conselhos propícios ao crescimento cristão nas escolhas a fazer, nas provações a ultrapassar: cada cônjuge, enriquecido pelos carismas partilhados, entreeajuda-se no caminho da santidade. Não se trata, naturalmente, de nos copiarmos, mas de nos equilibrarmos, estabilizarmos, de nos realizarmos um ao outro. A vida em comum dá aos cônjuges um conhecimento concreto e atualizado que nenhum guia externo poderá alguma vez igualar.

"A vitória é minha se nunca me cansar de dar. Aliás, dupla vitória: procurando incansavelmente a realização do ser que amo, avanço infalivelmente para a minha própria perfeição."
(AO, 27-28, 193)

As etapas desta jornada da missão do casal: relação, amor, comunhão

O mandamento do amor é o grande preceito evangélico da santidade: seremos julgados quanto ao amor. É verdade que é impossível amar todos os homens com o mesmo dom de

vida total e eficaz. Também o amor do cônjuge é a missão fundamental para o batizado, que através dele dá a sua resposta pessoal ao novo mandamento “amai-vos uns aos outros”. A relação entre os cônjuges cristãos é estabelecida no íntimo de cada um. Para que cheguem a uma comunhão de eternidade, o amor humano exige ser transformado por etapas num amor específico de caridade: é a tarefa de toda a vida em comum. O amor dos cônjuges não é o objetivo do caminho da santidade: é o seu mensageiro. Porque apenas Deus pode saciar uma alma criada para acolher o amor infinito. E isso inclui uma ordem de prioridades.

Ao resumir sucintamente esta missão de acompanhamento mútuo, o Padre Caffarel fixa três momentos distintos.

A primeira etapa nesta maturação cristã da relação consiste na aprendizagem moral da lei de Cristo: o que é bom que se faça ou, pelo contrário, o que afasta de Deus. Neste contexto, como é preciosa a formação nas equipas para entender toda a beleza das exigências cristãs e de nelas ganhar coragem através dos PCE.

Homem e mulher, com a sua graça própria, já experimentaram anteriormente no amor conjugal que tornarem-se dependentes um do outro por amor não diminui a liberdade, mas que a expande. Descubrem que este Deus que os conduziu um ao outro espera agora que se conduzam um ao outro a Deus num mistério de esposais.

A segunda etapa, do amor à caridade, realiza-se quando, por uma escolha eminentemente pessoal, é tomada a decisão de na vida concreta amar apenas a Cristo: “Quem amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim” (Mt 10, 37). A medida da caridade é, em última análise, o próprio Deus: procurar promover a vida espiritual do cônjuge, a sua vida de oração, a sua meditação sobre a Palavra de Deus, o tempo de retiro anual que uma equipa exige...

Finalmente, o terceiro consiste em deixar-se conduzir em tudo pelo amor de Cristo, que se tornou o amigo predileto com a sua imprescindível exigência do absoluto: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente.” (Mt 22, 37)

Os cônjuges tomam consciência de que a comunhão invocada pelo amor à caridade vai muito mais longe do que ini-

cialmente previram: leva a deixar que Deus passe à nossa frente, esquecendo-nos de nós próprios para incentivar o cônjuge a uma intimidade onde Deus está em primeiro lugar. É um limiar doloroso a atravessar numa missão de apagamento: apenas Deus preenche perfeitamente o coração, correndo o risco de parecer um concorrente do cônjuge. Cristo exige ser considerado não apenas como um amigo, mas como "o esposo". *"Chegado a este estado, o cristão é, em relação a todas as criaturas, o ser ao mesmo tempo mais indiferente e mais amoroso que existe"*. O paradoxo de uma indiferença soberana e de uma caridade universal devolve os cônjuges um ao outro num novo fôlego. O vínculo conjugal transformado numa caridade de eternidade que já é do Céu é capaz de atravessar a morte. Realiza-se a unidade da santidade: é com o mesmo amor que Deus é amado e que se amam um ao outro. Este amor torna-se fecundo em outras missões, preenche-as e anima-as: *"O cristão renuncia a tudo, renuncia a amar o que quer que seja de si mesmo, mas passará precisamente a amar todos os seres já não por si mesmo, mas por Cristo que, vivendo nele, o impele ao amor."*

3. Textos para reflexão e testemunho

Do Padre Caffarel

Aquele que se separa de Deus, se não perder o poder de amar, abandona, contudo, o melhor do seu amor. Por outro lado, este cresce à medida que cresce o amor por Deus. A união conjugal vale, em qualidade humana e em qualidade de eternidade, o que vale a união dos cônjuges com Deus. [...] Negar-se a Deus é negar ao cônjuge o seu pão de cada dia: o amor. Mente aquele que finge valorizar o amor enquanto despreza o Amor. [...] O amor é apenas um mensageiro, Deus é o seu mestre. [...] A criatura não pode preencher um coração que seja suficientemente grande para receber o Criador. Esta desilusão faz frequentemente perder a fé no amor. [...] Era isso que lhe devia ter perguntado logo no início. É um meio e não o fim; mas o meio é poderoso. Para o coração humano, o amor é, de facto, a grande oportunidade. Arranca-o de si mesmo como da influência injusta das criaturas. (AO, 2-3-4, 12-13)

Depois de ter curado o amor, a graça, trabalhadora incansável, recria-o sem cessar, renova diariamente a sua juventude e utiliza com uma arte suprema as alegrias e as tristezas, os esforços e as próprias falhas para o tornar mais alegre e mais forte. A comunidade conjugal é sólida, porque a graça é uma poderosa trabalhadora da união. Faz esta união, repara-a, consolida-a dia após dia. (AO, 2-3-4, 11)

Na origem de um lar, mesmo cristão, intervêm diversos motivos e motivações: a velha atração entre sexos, o medo da solidão, a necessidade de amar e de ser amado, o desejo de ter filhos – e também, é claro, o desejo de progresso religioso. No entanto, há que admitir que, muitas vezes, este desejo de progresso espiritual não vem em primeiro lugar. É ferozmente desafiado pelos outros motivos.

O grande desafio, para os cônjuges cristãos, é, portanto, em primeiro lugar, tomar consciência de que o “novo mandamento” lhes diz respeito, e, em segundo lugar, trabalhar para converter o seu amor conjugal em caridade conjugal. (AO, 125, 384)

Para o amor não há outra linguagem. Amar é querer o pleno sucesso do ser querido. Sem dúvida o seu desenvolvimento e a sua felicidade humana. Mas, antes de mais e acima de tudo, a sua realização religiosa, sem a qual a sua vida não será bem-sucedida, o seu ser será eternamente inútil. O amor verdadeiro é ambicioso. O amor verdadeiro é exigente [...] Quantos maridos e esposas se imaginam a trabalhar para a salvação do outro, enquanto as suas perpétuas recriminações, que envenenam os seus corações e a vida familiar, não são mais do que os frutos amargos de desilusões ou de tristes recalcamientos!

Exigir com uma exigência de amor não é tanto lutar contra os defeitos do outro (como bem o sabe qualquer educador) mas antes estimular que num coração, como quem acende uma chama, cresça a generosidade para com Deus e para com o próximo. Se não me engano, S. Francisco de Sales dizia na sua *Filoteia*¹: “Quer acabar com os defeitos? Ateie fogo

¹ Referência ao livro “*Filoteia ou Introdução à Vida Devota*”, em que S. Francisco de Sales se dirige a Filoteia, ou seja, a uma alma que “ama a Deus”.

nos quatro cantos da floresta e os animais selvagens irão fugir”...

O que há a fazer é, antes de mais, de ordem interior. Para alguns, cujo cônjuge se recusa a fazer qualquer esforço espiritual, é tudo o que se pode fazer, mas já é muito. E, portanto, mantenham em vós essa vontade, profunda, de santificação daquele que Deus vos confiou. Tomem-no ao vosso cuidado. Abraçam a sua causa. Empenhem-se em não poupar nada para permitir que cumpra a sua vocação. E que essa vontade se traduza em oração: lembrem-se que a vossa oração como esposos obtém do sacramento do matrimónio uma força e eficácia excepcionais. Juntem a penitência à oração. Não terão feito tudo pelo outro enquanto não tiverem feito penitência. (A propósito, seria útil lerem ou relerem “O Grão de Mostarda” no primeiro número de *l’Anneau d’Or*).

Olhem então com lucidez para o vosso cônjuge. Conheçam os seus dons, aparentes ou escondidos como boas sementes na sua alma, e ajudem-no a fazê-los render. Não ignorem os seus defeitos. Mas não tomem o partido dele: seria tornarem-se cúmplices, uma falha grave de que muitos cônjuges acabam por ser culpados. Aqui, mais uma vez, cuidado! Há quem apenas veja o mal. Há uma lucidez de egoísmo, – eu diria diabólica – muito diferente da lucidez de amor que vos recomendo. (AO, 19, 2-4)

Devem trabalhar para a vossa santificação mútua: não como dois pregadores que ao longo da vida se enaltecem mutuamente com palavras piedosas, mas essencialmente no e pelo próprio exercício da vossa vocação de cônjuges e de pais. Não se trata tanto de se esforçarem por “fazer o bem” ao vosso cônjuge, mas de se ajudarem um ao outro, de se amarem, de amarem os vossos filhos e de se apoiarem no exercício da paternidade e da maternidade. (AO, 111-112, 261)

Desejam apaixonadamente que esse ser que amam se sinta realizado, que adquira toda a perfeição possível, que viva uma vida cada vez mais intensa. Mas enquanto se limitarem a dedicar-lhe a vossa devoção, a apenas partilhar com ele os vossos bens materiais e morais, ficará privado do que lhe é mais necessário, ou seja, o dom de vós mesmos. Ele também vos poderia dizer: “Não são os bens, não são os serviços, é a ti que eu quero e não apenas algo de ti.” Amar é muito mais

do que dar, é dar-se a si mesmo, desapropriar-se em benefício do outro, renunciar a dispor de si mesmo, consentir alegremente na dependência. [...]

Diz-se do ágape que é um dom puro, rigorosamente desinteressado. Sim, em Deus, junto do Pai onde se encontra a fonte, jorra a plenitude. Por outro lado, no Filho, o amor é, antes de mais, acolher o dom do Pai, sendo também assim para os filhos de Deus. (AO, 117-118, 282-284)

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

320. Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor. Ninguém pode pretender possuir a intimidade mais pessoal e secreta da pessoa amada, e só Ele pode ocupar o centro da sua vida.

134. O amor que não cresce, começa a correr perigo; e só podemos crescer correspondendo à graça divina com mais atos de amor, com atos de carinho mais frequentes, mais intensos, mais generosos, mais ternos, mais alegres. O marido e a mulher «tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam». O dom do amor divino que se derrama nos esposos é, ao mesmo tempo, um apelo a um constante desenvolvimento deste dom da graça.

Testemunho

Estava recentemente a preparar o batismo do primeiro filho do Pierre e da Sophie¹. Quando nos conhecemos eles contaram-me como tinha sido a preparação da cerimónia do matrimónio religioso dois anos antes.

Sophie, batizada, regressou com alegria à prática da sua fé, depois de uma adolescência difícil.

Pierre é ateu, como toda a sua família.

¹ Os nomes próprios foram alterados.

Sou testemunha de que o seu amor é comovente, impregnado de escuta, de delicada boa vontade, de um profundo respeito pelo outro no reconhecimento das suas diferenças.

O padre que iria presidir ao seu compromisso optou por uma bênção, como era, antes de mais, o desejo de Sophie que não queria obrigar os sogros a uma missa. Pierre ficou admirado com a delicadeza da sua esposa que, consequentemente, não poderia comungar, tal como a família profundamente praticante dos seus sogros.

Na sua vida espiritual, Sophie não se cansava de explicar ao esposo a felicidade e os benefícios da sua dignidade de filho de Deus, sendo que Pierre mostrava grande abertura à existência de Deus. Escutava, compreendia, refletia e amava intensamente o coração de apóstolo da sua esposa.

Pierre decidiu então ir falar com um sacerdote: "Padre, sabe, qualquer dia vou pedir o batismo, a minha amada esposa, profundamente praticante, explicou-me a vida de Jesus, o amor que ele tem por mim, e Ele, que é o caminho, a verdade e a vida, sei agora que ressuscitou. Quero, por isso, que o nosso compromisso tenha lugar durante uma missa."

"Caro Senhor, fiquei muito emocionado com a sua iniciativa, é claro que será com alegria que celebrarei uma missa".

Sob a ação do Espírito Santo, o coração de apóstolo de Sophie fez maravilhas e continua a fazê-las.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

Cada um agradece ao Senhor e ao seu cônjuge por um momento em que este foi, para si, missionário, fonte de progresso.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências do mês, quer as que foram significativas na vida de cada um em particular quer do casal.

- Contar um momento das nossas vidas em que o nosso cônjuge nos permitiu progredir espiritualmente.

B – Tempo de oração

1 Ped 1, 14-16 e 22-23

Como filhos obedientes, não vos conformeis com os antigos desejos do tempo da vossa ignorância; mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, conforme diz a Escritura: Sede santos, porque Eu sou santo... Já que purificastes as vossas almas pela obediência à verdade que leva a um sincero amor fraterno, amai-vos intensamente uns aos outros do fundo do coração, como quem nasceu de novo, não de uma semente corruptível, mas de um germe incorruptível, a saber, por meio da palavra de Deus, viva e perene.

Ef 5, 25-28 e 32-33

Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo... Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja. De qualquer modo, também vós: cada um ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido.

C – Partilha de um PCE: *Dever de se Sentar*

O **Dever de se Sentar** permite que conheçamos melhor o nosso cônjuge e também que o ajudemos no seu caminho de santidade.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. "Para o Padre Caffarel, a missão recíproca dos cônjuges exige uma atitude de ajuda mútua imbuída de caridade que se desdobra em três dimensões: olhar como Deus

olha, aconselhar o cônjuge, apoiá-lo fielmente nos seus esforços." Em que medida sou concretamente missionário para o meu cônjuge?

2. *"Decidir não fazer mais nada por aquele que se ama, não é apenas o sinal, mas, antes de mais, a causa do declínio do amor"* Conseguimos explicar em que medida o Dever de se Sentar e a regra de vida nos estimularam a "fazer mais" por aquele ou aquela que amamos?
3. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.
4. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
5. Há alguma coisa neste texto que sugira uma regra da vida?

E – Oração litúrgica

SALVE SÃO JOSÉ

Eu te saúdo, São José,
abençoado pela graça divina,
o Salvador repousou nos teus braços
e cresceu sob teus olhos.
Bendito és tu entre todos os homens,
e Jesus, o Filho Divino
de tua esposa virginal é bendito.
São José, tu que foste escolhido
para ser o pai do Filho de Deus,
roga por nós e pelas nossas inquietudes
de família, de saúde e de trabalho,
até o fim de nossos dias,
agora e na hora de nossa morte.
Amém.

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.

"Só os ajudarão com eficácia a tornarem-se os verdadeiros discípulos de Cristo se os amarem à maneira de Cristo."

(AO, 48, 411)



A missão do casal em relação aos filhos

1. Oração ao Espírito Santo

"A fonte dos tesouros divinos é pertença do Espírito Santo; confere a sabedoria, o medo, o bom senso; a ele louvor e glória, poder e honra. (Anavathmi¹ do Espírito Santo)

2. Apresentação dos elementos de reflexão

Uma mãe-de-família ilustrava o papel do progenitor na educação dos jovens com uma imagem deliciosa: a do passageiro de um veículo sempre em movimento de onde assiste, impotente, à forma como o filho conduz, acelerando de modo a desafiar o código da estrada e com um mínimo de prudência, não tendo nenhuma outra forma de agir a não ser ousar alguns comentários ou tapar os olhos esperando que "isto vai passar"!

O Padre Caffarel não subestima a dificuldade desta missão: *"Quando vêm os filhos, por sua vez, trazem imensa riqueza, mas também exigem um terrível despojamento. Terrível e necessário, porque a nossa caminhada para a santidade tanto*

¹ ANAVATHMI - Série de hinos curtos da Igreja Ortodoxa, baseados nos Salmos das Ascensões.

é feita de morte como de ressurreição, de abnegação e de crescimento na caridade. Os filhos, esse fardo de que não nos livramos... os filhos, que fazem que um homem e uma mulher já não possam viver limitados a si mesmos". Mas daí deduz exigências esclarecedoras e valiosas. No plano cristão, felizmente os pais podem, de resto, contar com uma graça de estado para cumprir a sua missão como educadores, pois exercem um verdadeiro ministério com uma tripla dimensão de profetas, de sacerdotes e de reis.

A missão da Palavra

"O vosso lar dará testemunho de Deus, duma maneira ainda mais explícita, se ele representar a união de dois «buscadores de Deus»" (HC, As ENS face ao ateísmo, 1970)

Tendo-se tornado pelo sacramento um instrumento da sua graça, o amor dos cônjuges irradia no seio de uma comunidade cristã que envolve os filhos e onde tem lugar a redenção dos corações. Nela se faz a primeira proclamação do Evangelho desde a mais tenra idade. Em suma, um verdadeiro ambiente santificador de que as crianças são os primeiros beneficiários: não são apenas convidados do amor dos seus pais, mas são dele testemunhas. Os pais ensinam-lhes a linguagem dos homens e, numa missão verdadeiramente profética, ensinam-lhes também a linguagem de Deus. Desde que, no entanto, já estejam previamente preenchidos com a sua Palavra e que vivam a partir dela... O profeta é aquele que escuta a Palavra de Deus, que a medita no seu coração e que, em nome de Deus, por sua vez a proclama.

Infelizmente, muitas crianças morrem de fome, famintos da Palavra de Deus, a única que sacia a alma e faz frutificar a graça germinal recebida no batismo. A primeira missão dos pais é, portanto, dar testemunho: dizer o que sabem sobre Deus, dar testemunho da sua experiência de salvação, que opera até ao íntimo da sua vida de esposos. Que linguagem é mais universal e irrecusável do que uma vida conjugal e familiar feliz e santa?

Esta missão encontra uma ajuda e um encorajamento inesperados: *"Quantos ensinamentos espirituais não dá a criança*

àqueles que lhe deram a vida! É o mestre deles antes mesmo de se tornarem o dela. Ela também fala do mundo de Deus. "Embora tenham poucas oportunidades para encontros interiores com Deus, a frescura e a simplicidade da experiência das crianças não fazem mais do que confirmar aos adultos o aviso de Cristo: "Aquele que não se torna como uma criança não entrará no Reino de Deus".

Uma casa de oração

É conhecida a primazia da oração no pensamento e na vida do Padre Caffarel. Está assim no centro da missão de um educador. A Palavra de Cristo tem o poder de gerar "adadores em espírito e em verdade". Os filhos, enquanto objeto de todas as atenções, são, naturalmente, uma ocasião contínua de intercessão e louvor: *"A oração conjugal aproveita-se dos filhos para cantar a glória do Senhor em nome do mundo inteiro."* São também o tema. Os pais revelam-lhes a imensa graça da relação de coração a coração com Deus através do meio insubstituível que é a oração familiar. *"Uma família onde não há oração familiar evoca, para mim, uma igreja rural onde a lamparina do sacrário está apagada: não será um sinal de que Cristo não está lá?"* É o que distingue as famílias cristãs de outras famílias. A vitalidade espiritual dos cônjuges, nutrida na oração conjugal, irradia na oração familiar. Tem então miraculosamente lugar uma fraternidade de alma em que jovens e adultos se descobrem irmãos e irmãs de um único Pai do Céu. Muito mais do que uma laboriosa obrigação, é a atividade principal, fundadora, incumbindo aos pais o primeiro lugar nessa missão. Um pai e uma mãe em adoração diante de Deus é uma imagem marcante para a iniciação de uma criança.

A missão de caridade fraterna

Um dos grandes triunfos da caridade entre cônjuges será a transformação da relação pais/filhos numa caridade cheia de amizade fraterna. Ora, a amizade exige reciprocidade e isso não é garantido. O risco é que as relações entre pais e filhos fique limitada às relações de superior para inferior, às

relações de função: a função paterna, a função materna, a função filial. Tanto filhos como pais, fomos gerados pelo mesmo Pai com igual dignidade.

A primeira etapa desta transformação purificadora consiste em que os pais procurem amar os seus filhos com o próprio amor de Deus. Depois, apostando num verdadeiro diálogo entre iguais, a relação parental pode amadurecer e tornar-se uma verdadeira amizade entre pais e filhos em Cristo.

A urgência desta missão

Em França, apenas um jovem batizado em cada quinze continua com uma prática semanal na igreja. (Em *“Les jeunes adulte set la religion en Europe”* Stephen Bullibant, St Mary University London, IPC Paris 2018) Quaisquer que sejam os debates acerca dos números, o desafio da evangelização é dolorosamente crucial para *“os ajudar a tornarem-se cristãos adultos, que responderão a este apelo com o dom alegre da sua jovem liberdade conquistada, e que embarcarão na grande aventura da vida decididos a não largar os valores do seu Mestre. Esta tabela de valores, que contradiz tão claramente a do mundo em que vivem, deve ser estimada desde tenra idade e inculcar neles as máximas: «Aquele que quiser ser o meu discípulo, pegue todos os dias na sua cruz e siga-me».*” (AO, 48, 411)

3. Textos para reflexão e testemunho

Do Padre Caffarel

É precioso para a criança o amor que a mãe e o pai lhe demonstram. Mais necessário, ainda mais vital, é talvez o amor que o seu pai e a sua mãe têm um pelo outro; o seu amor de cônjuges. Este amor, que está na origem do seu ser, torna-se para a criança o pão de cada dia sem o qual ele nunca alcançará o seu pleno desenvolvimento. [...] Graças a ele, desde tenra idade a criança é posta em contacto com o grande mistério da unidade de Cristo e da Igreja, que, por sua vez, é o reflexo e o prolongamento da unidade do Pai e do filho no Espírito Santo. (AO, 111-112, 197-198)

“[As crianças] não mostram indiferença. Nem uma só tecla do seu teclado interior está muda; cada criatura, cada evento faz vibrar uma destas notas. Toda a beleza faz vibrar o cristal das suas almas. De facto, a par desta capacidade de espanto, têm um poder de se maravilhar que se julgaria ilimitado. E neles o dom do coração segue a capacidade de se maravilhar do coração. De facto, a admiração já é o dom. (AO, 1, 2)

A graça da purificação, a graça da transfiguração, a graça sacramental do Matrimónio é, enfim, uma graça de Fecundidade. [...] Colaboradores de Deus, coredutores com Cristo, os pais têm a tarefa, não só de despertar no filho o sentido de Deus, mas de o moldar pouco a pouco à semelhança do seu divino Irmão cultivando as graças do Batismo. A graça do Matrimónio dá-lhes o coração de Deus, as mãos de Deus, para moldar dia após dia esta obra-prima: um filho semelhante ao seu Filho. (AO, 27-28, 221-222)

Se, por outro lado, os vossos filhos vos virem submeter o vosso julgamento e a vossa vida a algo maior do que vós (quero dizer, a quem tem autoridade sobre vós), acolher instruções e conselhos com uma predisposição de benevolência, se vos ouvirem falar com deferência dos vossos líderes religiosos e civis, se a vossa atitude de oração for imbuída de adoração, e, sobretudo, se todas as vossas reações diárias revelarem que a vontade de Deus é o motor da vossa vida, então não se sentirão obrigados a recorrer à revolta para se comportarem como adultos. (AO, 125, 384)

Querem agora saber porque é que em muitas famílias em que, embora haja oração familiar, não vemos todos esses benefícios? Porque não estão preparadas. Para se tornar uma prática vivida que reflete a alma de uma família, a oração deve ser meditada, premeditada, pelo pai e pela mãe, ou pelo menos por um deles. [...] Pode-se dizer, é mesmo preciso dizer: a oração familiar vale o que vale a oração conjugal: jorra viva e rica de uma verdadeira oração conjugal. [...] Não hesitemos em afirmar: a oração conjugal, num lar que já pratica a oração familiar, continua a ser importante, indispensável. (AO, 98, 141-143)

Sendo importantes, mas longos, os textos do Papa Francisco que se seguem, este livro apenas inclui excertos. Recomenda-se que sejam lidos na íntegra os parágrafos mencionados.

Papa Francisco

LUMEN FIDEI

53. Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude. A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir uma grande chamada – a vocação ao amor – e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade.

AMORIS LÆTITIA

18. O Evangelho lembra-nos também que os filhos não são uma propriedade da família, mas espera-os o seu caminho pessoal de vida. Se é verdade que Jesus Se apresenta como modelo de obediência a seus pais terrenos, submetendo-Se a eles (*cf.* Lc 2, 51), também é certo que Ele faz ver que a escolha de vida do filho e a sua própria vocação cristã podem exigir uma separação para realizar a entrega de si mesmo ao Reino de Deus (*cf.* Mt 10, 34-37; Lc 9, 59-62).

287. Por isso, «é bonito quando as mães ensinam os filhos pequenos a enviar um beijo a Jesus ou a Nossa Senhora. Quanta ternura há nisto! Naquele momento, o coração das crianças transforma-se em lugar de oração». A transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d'Ele, porque só assim «cada geração contará à seguinte o louvor das obras [de Deus] e todos proclamarão as [Suas] proezas» (Sl 145-144, 4) e «o pai dará a conhecer aos seus filhos a [Sua] fidelidade » (Is 38, 19).

288. Por isso, os momentos de oração em família e as expressões da piedade popular podem ter mais força evangelizadora do que todas as catequeses e todos os discursos.

289. Os filhos que crescem em famílias missionárias, frequentemente tornam-se missionários, se os pais sabem viver esta tarefa duma maneira tal que os outros os sintam vizinhos e amigos, de tal modo que os filhos cresçam neste estilo de

relação com o mundo, sem renunciar à sua fé nem às suas convicções.

316. A comunhão familiar bem vivida é um verdadeiro caminho de santificação na vida ordinária e de crescimento místico, um meio para a união íntima com Deus.

321. Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares».

CHRISTUS VIVIT

242. Os jovens precisam de ser respeitados na sua liberdade, mas necessitam também de ser acompanhados. A família deveria ser o primeiro espaço de acompanhamento.

292. Primeira sensibilidade ou atenção é à pessoa. Trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras. O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao outro.

293. A segunda sensibilidade ou atenção é no discernir. Trata-se de individuar o ponto certo onde se discerne o que é a graça e o que é tentação.

294. A terceira sensibilidade ou atenção consiste em escutar os impulsos «para diante» que o outro experimenta. É a escuta profunda do ponto «para onde o outro quer verdadeiramente ir».

Testemunho de um casal

“És o meu filho muito amado, tu estás sempre comigo”; “... e tudo o que é meu é teu”.

Após 34 anos de matrimónio e quatro filhos, três dos quais adotados, esta frase do filho pródigo faz-nos refletir no que queríamos ter-lhes transmitido.

No que nos toca, como certamente todos os pais, queremos dar o melhor do que recebemos e escolhemos como casal. A tarefa continua imensa e inacabada.

O melhor, o que nos faz viver e seguir em frente na vida, é o que temos nos nossos corações, a começar pela nossa vida de Filhos de Deus, muito amados pelo Pai. Muito humilde-

mente, queremos praticar a pedagogia do exemplo. É mais fácil escrever do que viver assim no dia a dia!

Mas também queremos transmitir a nossa maneira de viver, as nossas alegrias, as nossas amizades, os nossos sucessos. E sabemos que também transmitimos o resto através dos nossos fracassos, dos nossos erros, das nossas contradições... No entanto, tentámos lançar as sementes no coração dos nossos filhos e confiamos humildemente na Providência para que os frutos germinem neles.

Tivemos a medida da pobreza nessa transmissão quando, aos 16 anos, a nossa filha nos disse: *"no teu Jesus, eu não acredito"*, quando são trocadas palavras violentas entre irmãos e irmãs, ou ainda quando fazem escolhas diferentes das nossas. Temos de deixar andar, de desistir de ser todopoderosos – é uma boa escola da vida – e aceitar a forma como cada um assume o controle de sua vida à sua maneira. Que alegria ao ver como o "avental de servidor" é usado com entusiasmo em diversos movimentos juvenis.

A nossa missão como pais de jovens adultos é agora de os acompanhar, mantendo sempre os laços que nos unem, amando-os com amor incondicional e confiando cada um ao Senhor e a Nossa Senhora das Graças.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

Recordemos as qualidades de cada um dos nossos filhos e agradeçamos ao Senhor por nos confiá-los.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências vividas durante o mês, as que foram significativas na vida de cada um ou do casal.
- Partilhar sobre as nossas relações com os nossos filhos no plano espiritual.

B – Tempo de oração

Ef 6, 1-4

Filhos, obededei a vossos pais, no Senhor, pois é isso que é justo: Honra teu pai e tua mãe - tal é o primeiro mandamento, com uma promessa: para que sejas feliz e gozes de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não exaspereis os vossos filhos, mas criai-os com a educação e correção que vêm do Senhor.

Mt 19, 13-15

Apresentaram-lhe, então, umas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas, mas os discípulos repreenderam-nos. Jesus disse-lhes: «Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu.» E, depois de lhes ter imposto as mãos, prosseguiu o seu caminho.

C – Partilha de um PCE: *Oração Conjugal e Familiar*

Propomos a **oração conjugal e familiar** para pedir ao Senhor a graça de consolidar a nossa relação e de permitir que os nossos filhos também se encontrem com o Senhor.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. "Quando vêm os filhos, por sua vez, trazem imensa riqueza, mas também exigem um terrível despojamento." Que riquezas trouxeram os nossos filhos e que despojamento exigiram?
2. "Um dos grandes triunfos da caridade entre cônjuges será a transformação da relação pais/filhos numa caridade cheia de amizade fraternal."
Para os jovens pais: como nos preparamos para esta passagem?
Para os casais mais velhos: como é que a vivemos? Esta passagem está terminada?
3. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.

4. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
5. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

JOÃO PAULO II: *CONFIA OS JOVENS À VIRGEM*

Se no discípulo João,
te foram entregues todos os filhos da Igreja,
Tanto mais me apraz ver confiados a Ti, ó Maria,
os jovens do mundo.
A Ti, doce Mãe,
cuja proteção eu sempre experimentei,
os entrego, novamente, nesta tarde.
Todos, sob o teu manto,
procuram refúgio
na tua proteção.
Tu, Mãe da divina graça,
fá-los brilhar com a beleza de Cristo!
São os jovens deste século,
que na aurora do novo milénio,
vivem ainda os tormentos derivados do pecado,
do ódio, da violência,
do terrorismo e da guerra.
Mas são também os jovens para os quais
a Igreja olha com confiança,
na consciência de que,
com a ajuda da graça de Deus,
conseguirão acreditar e viver
como testemunhas do Evangelho
no hoje da história.

http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/prayers/documents/hf_jp-ii_20030410_prayer-giovani.html

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.



“Para qualificar uma missão apostólica tão importante, impõe-se uma palavra com força: o lar cristão desempenha uma função de “mediação” entre a Igreja e o mundo. Como mediador, é o meio e o lugar do encontro entre Deus e os homens.”

(AO, 104, 96)

O ministério da hospitalidade

1. Oração ao Espírito Santo

“Vem e conduz-nos a todos no caminho de uma vida justa!
Vem e ensina-nos com toda a verdade!
Vem, sabedoria inatingível e salva-nos pelos caminhos que
conheces!
Vem, Espírito Santo Consolador e permanece em nós!”
(Hino Acatista¹ ao Espírito Santo)

2. Apresentação dos elementos de reflexão

A missão de hospitalidade que incumbe ao casal é uma das intuições mais originais do pensamento do Padre Caffarel. Decorre da sua profunda leitura eclesiológica da vida conjugal: cada família é uma igreja em ponto pequeno que possui todos os traços e missões da Igreja universal. Etimologicamente a definição literal da Igreja é “convocação” ou “assembleia sagrada”. A hospitalidade exigida às famílias cristãs exprime esta dinâmica de acolhimento e de agregação eclesial dos homens a Deus. Muitos textos das Escrituras o confirmam: *“Praticai a hospitalidade com entusiasmo”* (Rom 13, 13), *“Praticai a hospitalidade entre vós sem recriminações”* (1 Ped 4, 9) *“Perseverai na caridade fraterna. Não vos esqueçais da hospitalidade”* (Heb 13, 1-2).

¹ Um hino Acatista é um tipo de hino geralmente recitado por cristãos ortodoxos ou católicos orientais, dedicado a um santo, evento sagrado ou uma das pessoas da Santíssima Trindade.

A grande realidade humana da hospitalidade

Quais são as razões para muitas tradições exaltarem a nobreza do acolhimento em nossas casas? A casa tem um peso simbólico que é único. Posiciona um homem, tanto física como moralmente: enobrece, protege e é fundamento da intimidade. É o nosso reflexo, a *"nossa casa" é um pouco como que ampliar a pessoa. É o centro de todas as atividades familiares: "aí nos amamos, aí damos vida, aí refazemos as nossas forças físicas e morais, cuidamos dos doentes, descansamos, relaxamos; aí celebramos o culto do Senhor, acolhemos viajantes e amigos. O homem tem uma mentalidade de escravo se não reinar sobre pelo menos alguns metros quadrados.* "A universalidade da arquitetura doméstica prescinde de divisórias e janelas e dá resposta a duas aspirações aparentemente contraditórias: a necessidade de intimidade e de isolamento, o desejo de comunhão com os outros. A hospitalidade é uma arte que as harmoniza habilmente: se uma prevalece sobre a outra, o risco é o de um individualismo forçado ou, pelo contrário, um comunitarismo em que a pessoa desaparece no grupo.

Mais do que um espaço murado, a *"nossa casa"* é acima de tudo uma realidade espiritual que é em grande parte definida pelo uso que dela se faz: a abertura das portas deve corresponder à abertura dos corações. A casa é para a família o que o corpo é para a alma. A hospitalidade é, portanto, acima de tudo uma disposição espiritual: ao ser acolhido, o hóspede é apresentado ao coração da família e participa da sua riqueza de comunhão. *"A verdadeira hospitalidade não consiste, portanto, em partilhar apenas o pão, mas, melhor, a vida interior do lar, as suas alegrias e as suas tristezas, os seus pensamentos e os seus sentimentos."* A qualidade do acolhimento tem menos a ver com o que é materialmente partilhado do que com a maneira como é dado. Não estão vivas na nossa memória essas hospitalidades em lares pobres onde fomos recebidos como príncipes? A nobreza de uma hospitalidade bem-sucedida é uma mistura de delicadeza de coração para discernir quem convidar, de audácia no acolher, de escuta e de dar confiança, de entusiasmo para adivinhar as riquezas do convidado e de estabelecer uma verdadeira comunhão de alma.

A hospitalidade cristã

Assim como a graça assume e dá uma amplitude e uma força renovadas ao amor dos cônjuges, a hospitalidade cristã infunde nesta bela virtude humana uma dimensão inédita. A família, pequena célula da igreja, oferece ao hóspede o tesouro das riquezas espirituais do lar. Ora, através da caridade, Cristo vive no lar. *“Quando dois ou três estiverem reunidos em meu Nome, Eu estarei no meio deles”*. Uma bela emulação desperta em todos na casa a generosidade de se superar. Os gestos de amizade e delicadeza envolvem o hóspede na comunhão com Deus mesmo sem que ele o saiba. A hospitalidade cristã sacramentaliza o acolhimento e, mesmo que o hóspede esteja com pouca disposição para tal, acaba por provar um pouco da ternura de Deus vivida e acolhida: *“Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13, 35). Diante das muitas feridas e divisões que deterioram as famílias seculares dos nossos contemporâneos, que consolação e que bela esperança para muitos descobrirem famílias onde habitam o amor e a reconciliação vividos de forma autêntica! Descubrem “que essa força selvagem que é a sexualidade no nosso mundo afrodisíaco está presente, mas como que domada e santificada.”

Finalmente, contentemo-nos em evocar as qualidades dessa hospitalidade cristã: a simplicidade que faz prever a fraternidade que nos reúne em Deus, a alegria discreta que decorre da paz em Deus, a própria verdade quando nos tornarmos testemunhas. *“Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir.”* (Mt, 25, 35)

A participação na oração em família apresenta um desafio particular, porque ela é o segredo dessa fonte divina. Sendo a hospitalidade um dos segredos da fecundidade das reuniões de equipa, como poderemos deixar de lamentar que raramente incluía uma oração com os filhos no início da noite?

Compreende-se assim que, para o Padre Caffarel, a hospitalidade seja o apostolado específico do casal cristão: *“Hoje, tal como há vinte séculos, os sacerdotes não podem prescindir da ajuda dos lares: o sacerdote é Cristo que vai ao encontro dos homens para lhes levar a mensagem do Senhor; o*

lar é a Igreja que acolhe no seu seio aqueles a quem a palavra missionária conquistou para Deus, para os proteger, alimentar e alegrar.” (AO, 104, 99)

3. Textos para reflexão e testemunho

Do Padre Caffarel

Devemos pensar que, no Plano de Deus, o lar cristão é uma «zona de descanso» no caminho da Igreja onde, sem o saber, o não crente tem um primeiro contacto com a igreja, o pecador experimenta a misericórdia, os pobres e abandonados descobrem a sua maternidade. Não ficam assustados com este descobrir da Igreja porque, de acordo com a expressão de um amigo, «o lar é o rosto sorridente e amável da Igreja». (...) Quantos, que de outra forma nunca se teriam dirigido diretamente à comunidade litúrgica e aos sacramentos, para lá são lentamente conduzidos através da comunidade familiar. (AO, 107, 382)

Cada vez que se quer aprofundar um aspeto da vida do casal ou da família, há que voltar ao ensino da Igreja a respeito do sacramento do matrimónio. Este sacramento tem a característica de o seu sujeito não ser o indivíduo, como nos outros sacramentos, mas o casal enquanto casal. De facto, ele fundamenta, consagra, santifica esta pequena sociedade, única no seu género, que o homem e a mulher casados constituem. E é a única instituição natural que goza do privilégio de entrar na ordem da graça, de se unir, enquanto tal, ao Corpo místico. Efetivamente, isto não se pode dizer de uma nação nem de um mosteiro: os seus membros podem muito bem estar unidos ao Corpo místico, mas não o agrupamento enquanto agrupamento. Ao passo que o casal, em relação com o Corpo místico, se torna uma ramificação, um órgão desse Corpo, cuja vida o penetra e o sustenta. Ora, essa vida, bem o sabeis, tem uma orientação dupla: ao mesmo tempo cultural e apostólica. Enquanto dedicada ao culto é o prolongamento, a ressonância da oração de Cristo; apostólica, persegue no tempo a missão do próprio Cristo, opera o crescimento intensivo e extensivo do seu Corpo. Este duplo aspeto da vida do Corpo Místico acabará, portanto, por se reencontrar no

lar cristão: tal como o Corpo na vida do qual participa, o lar é simultaneamente uma comunidade de oração e uma comunidade missionária. (AO, 98, 132)

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

324. Sob o impulso do Espírito, o núcleo familiar não só acolhe a vida gerando-a no próprio seio, mas abre-se também, sai de si para derramar o seu bem nos outros, para cuidar deles e procurar a sua felicidade. Esta abertura exprime-se particularmente na hospitalidade, (389) que a Palavra de Deus encoraja de forma sugestiva: «Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos» (Heb 13, 2). Quando a família acolhe e sai ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e abandonados, é «símbolo, testemunho, participação da maternidade da Igreja». Na realidade, o amor social, reflexo da Trindade, é o que unifica o sentido espiritual da família e a sua missão fora de si mesma, porque torna presente o querigma¹ com todas as suas exigências comunitárias. A família vive a sua espiritualidade própria, sendo ao mesmo tempo uma igreja doméstica e uma célula viva para transformar o mundo.

CHRISTUS VIVIT

217. Criar «lar» é, em última análise, «criar família; é aprender a sentir-se unido aos outros, sem olhar a vínculos utilitaristas ou funcionais, unidos de modo a sentir a vida um pouco mais humana. Criar lares, “casas de comunhão”, é permitir que a profecia encarne e torne as nossas horas e dias menos rudes, menos indiferentes e anónimos. É criar laços que se constroem com gestos simples, diários e que todos podemos realizar. Como todos sabemos muito bem, um lar precisa da

¹ Do grego: proclamação, mensagem.

Este termo foi utilizado para designar o conteúdo essencial da fé em Jesus Cristo anunciada e transmitida aos não crentes pelos primeiros cristãos. Esta palavra continua a ser utilizada hoje em dia para evocar a proclamação missionária do essencial da fé cristã.

colaboração de todos. Ninguém pode ficar indiferente ou alheio, porque cada qual é uma pedra necessária na sua construção. Isto implica pedir ao Senhor que nos conceda a graça de aprender a ter paciência, aprender a perdoar-nos; aprender cada dia a recomeçar. E quantas vezes temos de perdoar e recomeçar? Setenta vezes sete, todas as vezes que for necessário. Criar laços fortes requer a confiança, que se alimenta diariamente de paciência e perdão. Deste modo se concretiza o milagre de experimentar que, aqui, se nasce de novo; aqui todos nascemos de novo, porque sentimos a eficácia da carícia de Deus que nos permite sonhar o mundo mais humano e, conseqüentemente, mais divino».

Testemunho de um casal

Acolher o estranho... em nossa casa... isso vai mudar a vida... e o olhar!

Vivemos numa cidade portuária, local de trânsito para muitos migrantes, ansiosos por atravessar o Canal da Mancha para ir para Inglaterra, onde o acolhimento é considerado maravilhoso...

Uma senhora do nosso bairro toca num sábado à nossa porta... "Um casal kosovar com 2 crianças de 2 e 4 anos foi ontem detido na gare marítima. A casa onde a família foi colocada à espera de encontrar uma solução acolhe apenas mulheres e crianças. O pai dorme lá fora, em frente da porta.... Sei que são cristãos. Na missa, não podem pedir a uma família que os acolha na sua casa?" "Sim, é claro, vamos perguntar!" Na segunda-feira seguinte..." Então, encontraram?" "Ninguém respondeu ao nosso apelo ao microfone..." "E vocês mesmos?" "Ah... Uh... Sim, na verdade, nós mesmos...!". O meu marido está fora por uns dias... Tenho diante de mim a família, o pai exausto e angustiado, a mãe com um olhar penetrante e os dois pequeninos com uma expressão interrogativa, sem nenhuma bagagem... Penso na nossa família com 6 filhos, bem alojados, em segurança.... Coloco-me no lugar deles... E digo... "Claro! Entrem!". Sei que o meu marido diria o mesmo que eu. E é verdade que, a seguir ao telefone, ele se mostrou entusiasmado por não deixarmos esta família na rua, enquanto que em nossa casa nos podíamos apertar para os acolher!

Era suposto ser por alguns dias.... Durou um mês. Deixámo-los ficar no nosso quarto e dormimos no sofá da sala de estar. Os filhos deles brincaram com os nossos. Graças a desenhos e muitos gestos, compreendemos essa viagem insana, as suas esperanças, o pânico na gare marítima quando foram descobertos num camião com cobertura de lona, depois de muitos dias de viagem. Trocámos receitas de cozinha, todos os dias comprávamos 10 baguetes de pão do nosso padeiro. Aprendemos algumas palavras na língua deles, provocando muitas gargalhadas. Rapidamente nos apercebemos de que o seu modo de vida era muito diferente do nosso (especialmente na utilização da banheira, ou da sanita...!).

Algumas semanas depois da partida precipitada de nossa casa (a polícia ia expulsá-los), telefonaram-nos para explicar, com as poucas palavras que tínhamos em comum, que estavam em Inglaterra, debaixo de um teto, com um trabalho para o pai e a escola para os filhos e não se cansavam de dizer "obrigado, obrigado". A nossa emoção foi enorme.

Esta experiência, acolhida em família, mas de uma forma bastante inesperada, foi extraordinária para nós... Tomámos consciência da nossa sorte em termos "a nossa casa"... Mudou a nossa forma de olhar para o estrangeiro, para o "migrante", de quem nunca conhecemos a história.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

Recordemo-nos de um momento em que tenhamos recebido ou exercido a hospitalidade e demos graças pelas riquezas recebidas e pela alegria que nos trouxe.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências vividas durante o mês, as que foram significativas na vida de cada um em particular ou do casal.

- Partilhar sobre a nossa experiência da hospitalidade (como quem acolhe e como quem é acolhido) e as condições para uma hospitalidade bem sucedida à luz desta experiência.

B – Tempo de oração

1 Jo 3, 17-20

Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele? Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade. Por isto conheceremos que somos da verdade e, na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração, mesmo quando o coração nos acuse; pois Deus é maior que o nosso coração e conhece tudo.

Gn 18, 1-5

O Senhor apareceu a Abraão junto dos carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, durante as horas quentes do dia. Abraão ergueu os olhos e viu 3 homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra e disse: «Meu Senhor, se mereci o teu favor, peço-te que não passes adiante, sem parar em casa do teu servo. Permite que se traga um pouco de água para vos lavar os pés; e descansai debaixo desta árvore. Vou buscar um bocado de pão e, quando as vossas forças estiverem restauradas, prosseguireis o vosso caminho, pois não deve ser em vão que passastes junto do vosso servo.» Eles responderam: «Faz como disseste.»

C – Partilha de um PCE: *Regra de Vida*

A **regra da vida** permite-nos refletir sobre todas as formas concretas de nos abirmos aos outros.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. Entre “a necessidade de intimidade e o desejo de comunhão com os outros”, qual é a nossa posição? Depois de ler este capítulo, pensamos que devemos rever o equilíbrio entre as duas situações?
2. Quando recebemos convidados, como podemos “adivinhar as riquezas do hóspede e estabelecer uma verdadeira comunhão de alma”?
3. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.
4. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
5. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

SL 145

Feliz de quem tem por auxílio o Deus de Jacob, de quem põe a sua esperança no Senhor, seu Deus.
Ele criou os céus, a terra e o mar e tudo o que neles existe. Ele é eternamente fiel à sua palavra; salva os oprimidos, dá pão aos que têm fome; o Senhor liberta os prisioneiros.
O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos; o Senhor ama o homem justo.
O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores.

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.



“É preciso que ao verem a vida de um lar cristão, todos esses homens e essas mulheres que anseiam pelo amor humano compreendam que Cristo veio salvar o amor e que lhe conferiu novas grandezas e esplendores.”

(AO, 111-112, 237)

Capítulo 6

Uma missão em relação aos outros casais

1. Oração ao Espírito Santo

“Vem, Espírito Santo, entra no meu coração e santifica-o. Vem, autor de tudo o que é bom e consola-me. Vem, Luz dos espíritos e ilumina-me. Vem, Consolador de almas e reconforta-me.”

2. Apresentação dos elementos de reflexão

Seremos mais breves quanto à missão em relação aos outros casais porque foi preciosamente desenvolvida em a “Vocação e Missão” (ERI Fátima 2018) e faz parte da identidade natural do movimento: um movimento de espiritualidade conjugal que propõe meios concretos para, no lar, progredir no amor a Deus e ao próximo. Guardiã de um tesouro imenso, dele resulta uma missão específica que é confirmada pelos apelos de sucessivos papas. O discurso do Papa Francisco dirigido às Equipas de Nossa Senhora em 2015, é muito claro a este respeito: *“Mas convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada, nas atividades que podem ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé particularmente os jovens casais, antes e depois do matrimónio.”*

Antes de recordar a palavra autorizada do movimento sobre este tema (*Vocação e Missão*), explicitaremos duas condições que, para o Padre Caffarel, são garantia da qualidade desta missão.

Caridade fraterna entre os lares das Equipas de Nossa Senhora

Já na Carta Fundadora de 1947 se afirmava que *“os não crentes serão conquistados para Cristo, se virem lares cristãos amarem-se verdadeiramente e ajudarem-se mutuamente na procura de Deus e no serviço dos seus irmãos. Assim, o amor fraterno, ultrapassando a ajuda mútua, torna-se testemunho.”* Não são os discursos que evangelizam, mas o testemunho de uma caridade autêntica. Também uma equipa deve assumir a dureza de uma verdadeira iniciação do amor fraterno. O risco seria reunirem-se de forma mundana *“sob o impulso da amizade e já não em nome do Senhor”*, por rotina ou por sentido de dever. Ou ainda de concordarem quanto ao propósito mas recusarem de facto as exigências de uma verdadeira aprendizagem das virtudes, de uma verdade sobre si próprios por vezes cruel, resumindo, de uma verdadeira conversão para a santidade. Se um casal vive de acordo com estas exigências, a sua missão junto dos filhos e dos outros casais será frutuosa. *“Não é com discursos que se elogia dignamente o amor, é com a vossa vida, cônjuges cristãos empenhados na magnífica aventura. Olhamos para vós, escutamos-vos. Não se esquivem. Têm de dar um testemunho. A lista de tarefas dada por Cristo também é dirigida ao vosso amor: darás testemunho de mim.”* (AO, 2-3-4, 16)

Uma preparação realista e dinâmica

O Padre Caffarel recorda duas exigências no acompanhamento de noivos que se aplicam a casais fora do movimento.

“A primeira tarefa do amor será a de unir. O amor pecaminoso torna-se um obreiro da desunião.” O desafio que este paradoxo representa requer uma conceção realista e dinâmica:

- *Realista porque impõe, tendo em conta as fragilidades do nosso tempo, um “conhecimento verdadeiro, escl-*

recido e positivo da realidade humana do amor no matrimónio". Um discurso ideal e "nas nuvens" dificilmente poderia ajudar;

- Dinâmico, ou seja, "convencido da força propulsora do amor".

Assumir a missão de acompanhamento de um casal requer partir do amor que os une, fazer revelar todas as energias e virtualidades que isso implica e "purificá-lo por dentro" ao despertar as consciências e as aspirações latentes para o bem. Em suma, deve ser adotada uma atitude cheia de esperança teologal "se ela tiver fé no amor será porque o vê na fé, será porque a consagra de imediato no mistério nupcial de Cristo e da Igreja"

3. Textos para reflexão e testemunho

Vocação e missão

No âmbito da preparação para o casamento e seu acompanhamento

A primeira missão das Equipas de Nossa Senhora é, evidentemente, irradiar a boa nova do matrimónio. [...]

Uma reflexão impõe-se também para imaginar e criar, inspirados sempre na pedagogia do Movimento, módulos ou percursos que pudessem ser propostos a jovens casais acabados de casar que tivessem o desejo de um acompanhamento nos primeiros anos do seu casamento, sem que fossem obrigados a integrar um movimento. [...] As Equipas de Nossa Senhora não podem ignorar, no mundo de hoje, todos esses jovens que não ousam escolher a via do compromisso matrimonial e preferem viver em situação de "união de facto". [...] Graças à pedagogia utilizada nas Equipas de Nossa Senhora, é possível levá-los a caminhar não somente para o matrimónio, mas suscitar neles o desejo de ir mais longe num caminho de fé. [...] A implicação dos responsáveis do Movimento ao nível da pastoral nas dioceses deve ser forte. É um desafio que nos é lançado, se desejamos que o nosso Movimento seja fecundo "para o exterior" e dê frutos.

No âmbito das crises do casal

Sabemos também que hoje, nenhum país está livre do que chamamos em geral "*a crise do casal*" que surge muitas vezes nos primeiros anos de vida em comum... Esta crise será uma fatalidade, perante a qual não há nada a fazer? Se as Equipas de Nossa Senhora pensam que não, então é necessário que atuem.

Enquanto "especialistas do casal" não terão elas um papel a desempenhar numa sociedade que atualmente não propõe senão a separação e o divórcio como saída, para a crise do casal? Para alcançar esse objetivo é mais que necessário o empenhamento numa verdadeira pastoral de acompanhamento, além sem dúvida das propostas já existentes que convém encorajar e desenvolver quando possível. Não poderão as Equipas de Nossa Senhora propor soluções de acompanhamento dos casais, em ligação com os profissionais do assunto, antes que a crise se torne irremediável? Não é possível dar o testemunho da grandeza do casal, da sua riqueza, da sua beleza e da sua perenidade, apesar das tempestades que, muito naturalmente, o agitam?

Ao longo dos tempos, as Equipas de Nossa Senhora souberam suscitar propostas para responder às situações colocadas pelas diversas circunstâncias da vida do casal. Em todos os casos, as ENS procuraram fazer de maneira que, através das inevitáveis crises, a união dos cônjuges em questão fosse sólida, durável e vivida na Fé.

Aprender a antecipar a crise antes que ela se torne irremediável seria certamente uma boa base de discernimento. As Equipas de Nossa Senhora têm competência para inventar e criar nesta matéria. (p. 27-29)

Do Padre Caffarel

Não acho que as ENS devessem ter assumido a direção da preparação para o matrimónio, mas que deveriam ter os seus próprios centros de preparação para o casamento, centros que servissem de ponto de referência para os outros; a partir justamente da espiritualidade que elas tinham descoberto. (HC, Conferência de Chantilly, 1987)

A missão do amor

Como escrevi ao Padre Caffarel na edição 73 da revista *L'Anneau d'Or* (jan-fev de 1957), depois de uma reunião no centro pastoral litúrgico em Versalhes, é necessário mudar a forma como os noivos são preparados para o sacramento do matrimónio, apresentando-lhes uma visão positiva e vivida do amor, e não uma acumulação de proibições e de considerações teóricas. É necessário desenvolver uma linguagem nova e atual, ter um conhecimento claro das realidades vividas, fazer uma proposta exigente que dê resposta aos aspetos concretos da vida, imaginar formas de acompanhar os casais que começam a sua vida em comum... Na verdade, trata-se de abandonar o que não funciona e de saber renovar a nossa abordagem aos jovens que planeiam viver juntos. (p. 54)

Já em 28 de novembro de 1997, na celebração dos 50 anos da fundação das equipas, o Papa João Paulo II mandou uma carta aos responsáveis da Supra-Região França onde, entre outras coisas, falava sobre os casais em dificuldade, os separados, os divorciados e os divorciados recasados, em que pedia que "pudessem encontrar na Igreja casais que estivessem dispostos a ajudá-los". Deste pedido nasceram a partir das ENS as equipas "Reliance", tal como Nathalie e Christian Mignonat nos explicaram no Colégio Internacional de Swanwick de 2016.

Estas equipas são acompanhadas por casais das Equipas de Nossa Senhora, a que preferimos chamar "casais acompanhantes" porque se inscreve na lógica do acompanhamento, tal como definido no sínodo da família de 2015: um encontro e um "caminhar juntos" à descoberta de Cristo ressuscitado. Estas equipas dão resposta ao que dizia Timothy Radcliffe em Brasília: "Se os escutarem, se se calçarem com os seus sapatos e se se meterem na sua pele, provavelmente o Senhor vos dará palavras justas".

E, mais ainda, dão resposta à esperança do Papa Francisco: "A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro. E mais ainda, correspondem à esperança do Papa Francisco em *Evangelii Gaudium*: "ir ao encontro dos *"membros da Igreja que participam nesta «arte*

do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro.” [§169]. É essencialmente o sinal encarnado do acolhimento da Igreja e o sinal do vínculo de Reliance com as ENS. (p. 70)

AUDIÊNCIA DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA EM 2015

Por fim, não posso deixar de encorajar os casais das Equipas de Nossa Senhora a serem instrumentos da misericórdia de Cristo e da Igreja para com as pessoas cujo matrimónio fracassou. Nunca esqueçais que a vossa fidelidade conjugal é um dom de Deus, e que todos nós recebemos misericórdia. Um casal unido e feliz pode compreender melhor do que qualquer outro, a partir de dentro, a ferida e o sofrimento que causam um abandono, uma traição, uma falência do amor. Por conseguinte, é necessário que possais contribuir com o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir as situações concretas destas pessoas, a acolhê-las com as suas feridas e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para participar de maneira apropriada na vida da Igreja. Não esqueçais também o sofrimento indizível das crianças que vivem estas dolorosas situações familiares: a elas podeis dar muito.

(Sendo importantes, mas longos, os textos do Papa Francisco que se seguem, este livro apenas inclui excertos. Recomenda-se que sejam lidos na íntegra os parágrafos mencionados.)

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

40. Correndo o risco de simplificar, poderemos dizer que vivemos numa cultura que impele os jovens a não formarem uma família, porque privam-nos de possibilidades para o futuro. Mas esta mesma cultura apresenta a outros tantas opções que também eles são dissuadidos de formar uma família.

78. O olhar de Cristo, cuja luz ilumina todo o homem (cf. Jo 1, 9; *Gaudium et spes*, 22), inspira o cuidado pastoral da Igreja pelos fiéis que simplesmente vivem juntos, que contraíram matrimónio apenas civil ou são divorciados que voltaram a casar.

79. Perante situações difíceis e famílias feridas, é preciso lembrar sempre um princípio geral: "Saibam os pastores que, por amor à verdade, estão obrigados a discernir bem as situações" (*Familiaris Consortio*, 84).

184. Com o testemunho e também com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa. A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade.

206. A complexa realidade social e os desafios, que a família é chamada a enfrentar atualmente, exigem um empenhamento maior de toda a comunidade cristã na preparação dos noivos para o matrimónio. É necessário lembrar a importância das virtudes. Dentre elas, resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal a castidade.

207. Convido as comunidades cristãs a reconhecerem que é um bem para elas mesmas acompanhar o caminho de amor dos noivos.

208. Além disso, convém encontrar os modos – através das famílias missionárias, das próprias famílias dos noivos e de vários recursos pastorais – para oferecer uma preparação remota que faça amadurecer o amor deles com um acompanhamento rico de proximidade e testemunho.

211. Tanto a preparação próxima como o acompanhamento mais prolongado devem procurar que os noivos não considerem o matrimónio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis.

218. Por outro lado, quero insistir que um desafio da pastoral familiar é ajudar a descobrir que o matrimónio não se pode entender como algo acabado. A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do matrimónio.

Testemunho de um casal

Estávamos casados há 10 anos e já eramos equipistas há 8 anos quando o nosso pároco nos pediu para colaborar na preparação para o casamento da paróquia. Aceitámos e juntámo-nos a uma equipa de cerca de dez casais animadores que todos os anos preparavam cerca de cinquenta casais. Dois casais de acompanhantes acolhiam 4 a 5 casais (na maioria afastados da Igreja) num salão paroquial. Não estávamos ali para ensinar, mas para dar testemunho. Procurávamos ajudá-los a refletir através de perguntas (resposta pessoal, depois troca de impressões em casal, e depois partilha...). Abordávamos os problemas da comunicação, as expectativas, depois os pilares do matrimónio cristão, e dávamos testemunho das nossas alegrias e também das dificuldades que tínhamos encontrado: um obstáculo não é um muro contra o qual colidimos, mas sim uma barreira que o cavalo pode e deve ultrapassar; sendo o perdão o segredo de uma longa vida em comum... Muitas vezes, casais com vários anos de vida comum testemunhavam que nunca tinham discutidos entre si alguns temas. Sempre apreciámos a profundidade das trocas de impressões e estas reuniões permitiram-nos recordar tudo o que o Senhor nos deu através do sacramento do matrimónio... e da nossa Equipa de Nossa Senhora.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

Lembremo-nos de alguns momentos em que o apoio da nossa equipa nos permitiu ultrapassar dificuldades e agradecemos ao Senhor por essa ajuda.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências do mês, quer as que foram significativas na vida de cada um em particular, quer do casal.
- Partilhar sobre a nossa experiência junto de casais da nossa família ou nossos amigos, quer tenhamos tido a oportunidade de lhes dar apoio, quer de o receber da parte deles.

B – Tempo de oração

Lc 10, 30-37

Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

C – Partilha de um PCE: *Dever de Se Sentar*

Propomos o **Dever de Se Sentar**, que é um dos mais belos presentes para um casal. Podemos falar dele com os casais com que nos encontramos.



D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. Como nos ajudamos mutuamente dentro da nossa equipa?
2. Que resposta daremos ao pedido do Padre Caffarel, confirmado pelo Papa Francisco e pela ERI em “Vocação e Missão”, de nos empenharmos na preparação para o matrimónio e no apoio aos casais após o matrimónio, incluindo quando o matrimónio está em causa?
3. Já tivemos a experiência de acompanhar casais que se preparavam para o matrimónio? O que aprendemos com isso?
4. O Papa Francisco convida-nos a aprender a “descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro”; como reagimos diante das famílias feridas, dos casais que não vivem de acordo com o ensino da Igreja, ou que não são cristãos?
5. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

E – Oração litúrgica

JOÃO PAULO II EM MANILA

Tu, Pai, que és amor e vida,
faz com que sobre esta terra,
pelo teu Filho, Jesus Cristo, “nascido de uma Mulher”,
e pelo Espírito Santo, fonte de caridade divina,
cada família humana se torne
um verdadeiro santuário da vida e do amor
para as gerações que constantemente se renovam.

Que a tua graça oriente os pensamentos
e as ações dos cônjuges
para o bem maior das suas famílias,
de todas as famílias do mundo.

Que as gerações mais novas
encontrem na família um apoio inabalável
que as torne cada vez mais humanas
e as faça crescer na verdade e no amor.

Que o amor, fortalecido pela graça
do sacramento do matrimónio,
seja mais forte do que todas as fraquezas e todas as crises
que as nossas famílias por vezes enfrentam.

Finalmente, nós te pedimos,
através da intercessão da Sagrada Família de Nazaré,
que em todas as nações da terra
a Igreja possa realizar com sucesso a sua missão
na família e pela família.

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.



Capítulo 7

“O objetivo último de Deus não é criar um universo material, é o de formar um povo.”

(AO, 109, 3)

O lar apostólico

1. Oração ao Espírito Santo

*“Vem, Espírito Santo, e dá-me o dom da Sabedoria.
Vem, Espírito Santo, e dá-me o dom da Inteligência.
Vem, Espírito Santo, e dá-me o dom do Conselho.”*

2. Apresentação dos elementos de reflexão

E o que dizer das especificidades da missão das Equipas de Nossa Senhora fora do espaço do lar? Claro que a família nunca está fechada sobre si mesma: revitalizada no fervor da oração, participa no mesmo impulso que a igreja. *“Um lar de adoração será sempre um lar missionário.”* Aos dons recebidos de Deus não pode ser cerceada a vocação de darem frutos para a salvação do mundo. A aliança que é concluída através do matrimónio compromete a prestar um serviço público na construção do Reino. *“Os verdadeiros filhos de Deus apenas recebem os dons do Pai para melhor servirem o Pai.”* Ao integrar tarefas materiais e civis, a missão é unificada pelo objetivo comum de santificar o mundo.

Riquezas humanas e riqueza da graça

Uma família cristã é um lugar único no mundo: a vida quotidiana tende a esconder dos seus próprios olhos os tesouros

que são os formidáveis recursos humanos e espirituais com que é gratificada. O mais inestimável tem no seu centro o amor conjugal fiel; é chamado a cindir-se numa espantosa fertilidade de vários amores (filhos, parentes, amigos, etc.). A crise contemporânea do matrimónio apenas valoriza ainda mais a sua raridade e preço. Depois, acabam por irradiar todos os frutos mencionados nos capítulos anteriores.

Depois, se subirmos ao longo do rio deste amor humano, a fonte em Deus revela-se então como a matriz de inúmeras graças espirituais. A missão dos cônjuges lá fora é exercida pela forma como esta autêntica caridade irradia: somos chamados a dar um testemunho resolutivo da Boa Nova sobre o matrimónio e também a tarefas específicas.

O Ministério da Palavra

O fundador das Equipas de Nossa Senhora insiste repetidamente no serviço da Palavra. O movimento é uma escola da vida cristã que ambiciona fazer de cada um dos seus membros um Portador da Palavra de Deus. *“Era bom que todos pudessem compreender que calar é trair: trair o Deus que confia em vós para transmitir a sua Palavra criadora”*. Em que consiste este serviço? Agir como discípulo de Cristo e tomar clara consciência de que é a caridade que serve de motor. A palavra sem ação, a ação sem a palavra seriam igualmente desvios em relação ao Evangelho. Sim, é preciso ajudar aqueles que sofrem e que estão em dificuldades, abraçar imensas tarefas humanas, por vezes até ao heroísmo. Mas isso seria puro ativismo se não fosse acompanhado por uma palavra que corajosamente revelasse o seu segredo e a sua motivação cristã. Que mensagem levar? *“Através do leigo que revela a um homem as riquezas insondáveis do coração de Cristo, é o próprio Jesus Cristo que diz a esse homem: Eu amo-te.”* O objetivo deste apostolado no exterior é, portanto, tão teologal como a sua fonte: fazer viver a fé, a esperança e a caridade naqueles a quem somos enviados. Ao ponto de que isso seria uma *“perversão... tentar cristianizar as instituições para prescindir da evangelização, que é uma tarefa muito mais difícil... num mundo que o ateísmo invade”*.

Quem é o meu próximo?

Que destinatários escolher para esta missão evangelizadora? “Qualquer faminto é o próximo de que tem pão”. Enquanto portadores da Palavra, os cônjuges têm a vocação de a partir e de a partilhar com aqueles que dela têm fome. É claro que são os filhos como já mencionámos. Mas fora da família, a escassez é de uma acuidade sem precedentes:

“No passado, o ateísmo era um produto de luxo; hoje tornou-se um produto de consumo corrente... É incontestável que o ateísmo progride em expansão, como uma inundação que cada vez cobre regiões mais vastas e numerosas.” E se objetarmos que a missão é demasiado ampla e que não temos capacidade para tanto: “Estais especialmente aptos a realizar esta missão precisamente porque sois casais. Tendes um carisma próprio.” O poder do amor dos cônjuges cristãos é semelhante, no mundo ateu, à teofania da Sarça ardente que nunca se extingue. A descoberta do próximo a quem sou enviado deve ser acompanhada por um impulso mais forte do que o bom senso ou a saúde espiritual: requer “aquela centelha de loucura evangélica, ou, se preferis, aquelas generosidades e invenções do amor que Cristo espera dos seus discípulos”.

Num último ponto, o discernimento dos compromissos missionários fora de casa deve ser feito por mútuo acordo entre os cônjuges e até mesmo com os filhos suficientemente crescidos. Seria demasiado grande o risco de o apostolado no exterior se tornar o alibi para uma fuga e um menor compromisso com a missão prioritária que é a santidade da família. Ou seja, **“há concorrência entre atividades apostólicas e intimidade conjugal enquanto não compreendermos que há uma interdependência estreita entre amor conjugal e apostolado.”** O Dever se se Sentar é o local ideal para os cônjuges releerem e fazerem este discernimento.

3. Textos para reflexão e testemunho

[As Equipas de Nossa Senhora] são um Movimento de Espiritualidade, formado por esposos que, no século do ateísmo, entendem tomar consciência da presença ativa de Deus em

si mesmos primeiro, em seguida no seu lar, e depois no mundo, a fim de que a sua vida, a exemplo de Cristo, manifeste a Deus e às suas perfeições – ou melhor ainda, permita a Deus revelar-se e dar-se.

Os casais do Movimento estarão prontos? O Movimento estará pronto? Permitam-me que, como pai espiritual do Movimento, vos fale sem lisonjas, mas com tanto amor como com exigente franqueza.

Eis, em primeiro lugar, o que na minha opinião se deve lançar a crédito do Movimento:

- uma busca sincera do pensamento de Deus sobre o casamento e a vontade de conformar com ele a sua vida.
- a convicção de que todo o cristão é chamado à santidade e de que o casamento é uma via de santidade.
- a preocupação de marido e mulher se entreeajudarem neste caminho e por aí conduzirem os seus filhos.
- a preocupação, não menos evidente, de ajudar os casais da equipa e de recorrer ao seu auxílio.
- uma amizade no seio da equipa que ultrapassa, a maior parte das vezes, uma simples amizade humana.
- uma vontade de transmitir aos outros casais aquilo que se compreendeu e se procura viver, as riquezas do casamento cristão.

Reconhecido isto, sem fanfarronices, tentemos ser igualmente lúcidos sobre as nossas deficiências. (HC, *As ENS face ao ateísmo*, 1970).

É prodigiosa a força de expansão desta caridade que reina no lar: de círculo concêntrico em círculo concêntrico transborda do casal para se estender a toda a família, alargar-se aos parentes, à cidade, à Igreja, a todo o universo. Sob o impulso vitorioso da caridade, o lar torna-se comunidade missionária.

Mas em casa, como na Igreja da qual é uma célula viva, como no coração de Cristo, ao fluxo segue-se o refluxo, e antes de mais, a comunidade de oração: tudo aí decorre da oração, tudo retorna à oração.

A comunidade de oração e a comunidade missionária são como a frente e o verso do lar enquanto comunidade de amor. O lar comunidade de penitência, comunidade de fé, comunidade de esperança, comunidade de amor, é esta a obra que realiza a palavra de Cristo presente e viva no evangelho. (AO, 117-118, 234)

Um dinamismo missionário

O lar que recorre ao Evangelho não tardará a experienciar o mesmo que São Paulo: "O amor de Cristo absorve-me completamente", leva-me a anunciar aos outros a Boa Nova, a partilhar com eles as riquezas espirituais da minha vida com Cristo. A preocupação com os outros cresce, a hospitalidade torna-se mais ampla e calorosa. E pouco a pouco todos os membros da família tomam consciência de que o que fazem aos mais pequenos é ao próprio Cristo que o fazem. (AO, 117-118, 238-239)

(Sendo importantes, mas longos, os textos do Papa Francisco que se seguem, este livro apenas inclui excertos. Recomenda-se que sejam lidos na íntegra os parágrafos mencionados).

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

35. Como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, para não contradizer a sensibilidade atual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer. É verdade que não tem sentido limitar-nos a uma denúncia retórica dos males atuais, como se isso pudesse mudar qualquer coisa. De nada serve também querer impor normas pela força da autoridade. É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimónio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece.

201. «Por isso exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária: é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas». A pastoral familiar «deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados». De igual modo «sublinhou-se a necessidade dum evangelização que denuncie, com desassombro, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e económicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência. Para isso, temos de entrar em diálogo e cooperação com as estruturas sociais, bem como encorajar e apoiar os leigos que se comprometem, como cristãos, no âmbito cultural e sociopolítico.

GAUDETE E EXSULTATE

“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.”

87. Esta bem-aventurança faz-nos pensar nas numerosas situações de guerra que perduram. Da nossa parte, é muito comum sermos causa de conflitos ou, pelo menos, de incompreensões.

88. Os pacíficos são fonte de paz, constroem paz e amizade social. Aqueles que cuidam de semear a paz por todo o lado, Jesus faz-lhes uma promessa maravilhosa: «serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). Aos discípulos, pedia-lhes que, ao chegar a uma casa, dissessem: «a paz esteja nesta casa!» (Lc 10, 5). A Palavra de Deus exorta cada crente a procurar, juntamente «com todos», a paz (*cf.* 2 Tim 2, 22), pois «é com a paz que uma colheita de justiça é semeada pelos obreiros da paz» (Tg 3, 18). E na nossa comunidade, se alguma vez tivermos dúvidas acerca do que se deve fazer, «procuremos aquilo que leva à paz» (Rm 14, 19), porque a unidade é superior ao conflito.

Testemunho de um casal

Há três anos, o Centro de Jovens da nossa Diocese de Sarthe chamou-nos, na nossa condição de casal, para fundar uma escola de formação para jovens discípulos missionários, denominada "Escola dos 72" [dando resposta à nossa diocese de Sarthe e fazendo eco do envio em missão dos 72 discípulos por Jesus como descrito no Evangelho de São Lucas (10, 1)]. A missão desta capelania é disponibilizar aos alunos do ensino médio (a partir do 5º ano) e aos estudantes mais velhos uma reunião a cada duas semanas para terem formação no conhecimento de si mesmos, no conhecimento de Deus, para poderem agir na Igreja como missionários ousados, bem como para terem uma vida de oração e de encontro com o Senhor. Ao animar essas noites com um padre e outro casal, incumbenos escutar esses jovens, ajudá-los a conhecer os seus talentos para verem como servir o Senhor, ajudá-los a crescer em liberdade no nosso mundo e a compreender melhor a posição da Igreja sobre as questões atuais da sociedade. Ao fim destes três de serviço, aprendemos que é importante:

- estar a escutar os jovens e não fazer as coisas em vez deles;
- aprender a escutar para os acompanhar também entre os encontros;
- ajudá-los a encontrar um equilíbrio adequado entre a energia que transborda para servir e a sua formação na escola e fora da escola;
- solicitar a casais jovens que os orientem para não terem a impressão de estar em frente dos pais;
- fazê-los encontrar Cristo numa vida de oração e silêncio, sem os coartar nos seus talentos musicais;
- ensiná-los a responder a temas polémicos, às discussões nas escolas secundárias e nas faculdades.

Este serviço aos jovens é uma alegria profunda. A sua energia, o seu sentido de compromisso, as suas perguntas, a sua sede de compreender, a sua vida interior... edificam-nos e abalam-nos nas nossas próprias convicções e vidas de fé. Faz-nos crescer! Como é bela a nossa juventude!

Senhor, faz de nós servos atentos e disponíveis para lhes saciar a sede!

4. Questões para o Dever de Se Sentar

“Há concorrência entre atividades apostólicas e intimidade conjugal enquanto não compreendermos que há uma interdependência estreita entre amor conjugal e apostolado.”
Como vivemos concretamente esta exigência? Demos graças pelo apoio do nosso cônjuge nos nossos apostolados.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências do mês, quer as que foram significativas na vida de cada um em particular quer do casal.
- Partilhar sobre as alegrias e dificuldades encontradas nos nossos apostolados atuais, ou quais as razões por que considerámos melhor não assumir um compromisso neste momento.

B – Tempo de oração

Mt 5, 13-16

«Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.»

C – Partilha de um PCE: *Retiro*

Reflitamos sobre o **retiro** que nos permite, como os apóstolos, recuperar forças num contacto íntimo com o Senhor.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. *“Era bom que todos pudessem compreender que calar é trair: trair o Deus que confia em vós para transmitir a Sua Palavra Criadora”*. Como nos preparamos, nos formamos, para poder levar esta Palavra ao mundo que nos rodeia?
2. Por um lado, o padre Caffarel convida o casal para a missão, por outro lado o Papa Francisco declara que “por isso exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária... não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas” (*Amoris Lætitia* §201). Como desenvolvemos “um diálogo e uma cooperação” (AL §201) com o mundo que nos rodeia?
3. Como equilibrámos os nossos apostolados durante as várias etapas da nossa vida como casal?
4. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.
5. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
6. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

JOÃO PAULO II: *ECCLESIA NA ÁSIA*

Fostes apressadamente visitar Isabel,
e ajudá-la nos seus dias de expectativa:
alcançai-nos o mesmo espírito de zelo e de serviço
na nossa tarefa evangelizadora.

Levantastes a voz para cantar
os louvores do Senhor:
guiai-nos no anúncio jubiloso da fé
em Cristo nosso Salvador.

Vós sentistes compaixão ao ver a necessidade
e pedistes ao vosso Filho para ir em sua ajuda:
ensinai-nos a nunca ter medo
de falar do mundo a Jesus
e de Jesus ao mundo.

http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia.html

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.

AMOR
FIDELIDADE
COMPROMISSO



Capítulo 8

“Acreditar na perenidade do casal, composto por dois cônjuges irrevogavelmente fiéis um ao outro, não é, portanto, um devaneio sentimental, mas sim uma convicção de fé firmemente fundada na revelação divina e no ensino tradicional da Igreja.”

(HC, Companheiros da Eternidade?
Carta das ENS, dezembro de 1987, p. 13)

A missão do Céu

1. Oração ao Espírito Santo

“Espírito Santo, concede-nos o dom da inteligência que nos fará compreender as verdades da fé, entrar no seu significado e contemplar a sua harmonia interior. Concede-nos o amor e a inteligência das verdades ensinadas pela Igreja.”

2. Apresentação dos elementos de reflexão

A Igreja sempre reconheceu a possibilidade de um novo matrimônio na sequência da viuvez. Mas no seu ministério inaugurado durante a Segunda Guerra Mundial, o Padre Caffarel congratulou-se com a intuição das mulheres que aspiram a dedicar a sua viuvez a Deus em estreita ligação com o cônjuge no Céu. Ora, desde os primeiros passos da nossa exploração do pensamento do Padre Caffarel, tivemos a intuição persistente de que a pedra angular de toda a sua inteligência matrimonial de alguma forma culminava... no Céu! Não estar ciente deste propósito, da eternidade do amor, é “cortar as asas” ao amor, retirar aos cônjuges um impulso poderoso, a esperança da realização do seu amor, das suas vidas. Este impulso é missionário, dá também testemunho da misericórdia de Deus que tudo purifica e realiza. Mais uma vez, trata-se de mostrar a outros casais que a ligação com a promessa da eternidade é um testemunho da ressurreição.

Na abordagem do Padre Caffarel à missão encontraremos os elementos comuns a numerosas teorias do apostolado,

como, por exemplo, os cinco elementos essenciais do crescimento de uma comunidade cristã: oração, fraternidade, formação, serviço e, claro, missão. Mas a sua força e universalidade únicas devem-se à exigência teológica que o habita. Esquecer isto seria não compreender nada da exigência, por vezes dura e até dolorosa, do fundador das Equipas.

Mesmo pelo preço de um ideal impossível de alcançar? Não há crescimento sem combate, não há missão sem Cruz: "Sabemos que passámos da morte à vida porque amamos os nossos irmãos." Morte e ressurreição, a passagem da Páscoa é a lei comum de todas as realidades cristãs. O risco seria esquecer o termo, afundar-se numa espécie de ativismo missionário demasiado terreno, procurar convencer a superioridade do matrimónio cristão, prescindindo da santidade. *"Não é possível compreender convenientemente uma realidade – um órgão no corpo humano, uma peça numa máquina... – a não ser em função do todo de que faz parte, do seu destino em todo o conjunto."* E qual é o propósito desta obra teológica? Formar um povo "para louvor da sua glória" (Ef 1, 14). No matrimónio são combinadas a fonte e a realidade mais expressiva desta glória celestial do Matrimónio de Deus com a humanidade.

Mais forte do que a morte

O amor dos cônjuges, purificado pelo perdão e pelas provações de uma vida, ampliada numa caridade que jorra de Cristo, é mais forte que a morte. *"Por favor, escutem-me. Mas primeiro, façam silêncio. Recolham-se: estas coisas que vos quero dizer só podem ser compreendidas com o coração, um coração pacificado, um coração que ama, um coração crente"* diz-nos o Padre Caffarel. Já em 1940, os testemunhos de muitas viúvas cujo movimento ele acompanhava fizeram com que tivesse a certeza de que uma caridade autêntica continuava a ligar os cônjuges separados pela morte. *"Os cônjuges verdadeiramente unidos sabem que o seu amor é uma fonte inesgotável de alegria... sabem que para além dos cansaços terrenos, uma eternidade de amor os espera, e que depois irão comungar um com o outro como nunca antes aqui na Terra."* Esta é a última etapa da missão do casal. A fé e a esperança passarão, mas não a caridade provinda

de Deus. A união santificada dos cônjuges fá-los participar no mistério da glória do matrimónio de Cristo com algreja: é inconcebível que esta caridade desapareça se for autêntica. É um discurso de Pio XII, em 1957, retomado mais adiante (textos) que validará esta intuição audaciosa: "Longe de destruir os laços do amor humano e sobrenatural contraídos pelo matrimónio, a morte pode aperfeiçoá-los e fortalecê-los. O Padre Caffarel acrescentou pouco tempo depois: "O vosso amor mútuo é ágape [caridade do amor]? Então, regozijem -se, é a prova indiscutível de que já não estão mortos, mas vivos... na medida em que observarem o novo mandamento, inauguram em vossa casa esta "vida eterna" de que São João nos fala sem cessar."

A missão das Equipas é cumprida no Céu

Muito cedo, o Padre Caffarel foi questionado sobre o lugar dos equipistas que sofrem a provação da morte do cônjuge. Desaconselhava que fossem excluídos porque o seu impressionante testemunho da permanência da caridade conjugal para além da morte é de uma imensa força para toda a equipa. O amor, se for transfigurado pela caridade, não pode ser transitório ou passageiro: tem um valor eterno. Também a ajuda mútua para fazer crescer o amor dos cônjuges dentro das equipas se revela sob uma nova luz: não está apenas em jogo a santidade individual, mas o destino eterno do amor dos cônjuges. O reconforto trazido por estes viúvos às equipas torna-se fonte de considerável consolação e esperança para os casais que vivem e lutam na fidelidade diária. A morte de um cônjuge não é uma espécie de parênteses que encerra o matrimónio. Aquele que permanece continua a obra do crescimento cristão: através da oração intercede para apressar a entrada do seu cônjuge na glória; ou então, nas dificuldades diárias e no trabalho familiar de acompanhar os que lhe são próximos, apoia-se na oração daquele que está junto de Deus. A dupla aceitação da morte física do cônjuge e a sua ausência na vida quotidiana abre um caminho de oferenda total para uma possessão mais profunda de Cristo "Vai, vende todos os teus bens...». Em troca, cumpre-se o ponto final da missão evocada no Capítulo 3: Cristo faz renascer o amor do cônjuge numa caridade que tem uma força de eternidade.

Assim, faz-se luz sobre o compromisso missionário do Padre Caffarel com a viuvez consagrada: *“Sim, a viuvez consagrada é, de facto, a conclusão e a perfeição do sacramento do matrimónio... o sacramento que não esgotou as suas virtualidades de graça com a morte do cônjuge produzirá abundantes frutos da santidade e a viúva consagrada dá um crédito total ao seu valor santificante.”*

3. Textos para reflexão e testemunho

Do Padre Caffarel

Tudo está acabado e tudo é novo. É uma quimera esperar que o amor e o matrimónio sobrevivam. Enquanto união física, o matrimónio já não existe. Enquanto união de corações, posse mútua, o matrimónio já não existe. Aquele que Deus levou para si já não pertence àquele que permanece. Mas se o casal, por aquele que resta, aceitar esta morte, então misteriosamente salva-se na medida em que, antes de mais, atingiu a seu propósito: o matrimónio de cada um em Cristo. Também no sentido de que, para além da morte que é aceite, o casal assume uma nova forma. Em Cristo, a quem cada um se uniu através desta morte.

Cada um encontra todos aqueles que são um só em Cristo – e, portanto, muito em especial aquele que foi o companheiro de viagem e que, providencialmente, o ajuda na caminhada para Cristo. Pela morte o casal passou deste mundo para o mundo de Deus. Mas não sem passar por uma metamorfose radical. Esse novo estado que é o da eternidade (onde em Deus serão recuperados, transformados, os mais elevados valores humanos). A viúva é chamada a vivê-la desde já. (HC, *But de la Cordée*, 1958)

PIO XII - 16 DE SETEMBRO DE 1957 (ROMA)

“Longe de destruir os laços do amor humano e sobrenatural contraídos no matrimónio, a morte pode aperfeiçoá-los e reforçá-los. Sem dúvida, no plano puramente jurídico e do ponto de vista das realidades sensíveis, a instituição matrimonial já não existe. Mas o que constituía a sua alma, o que lhe

dava vigor e beleza, o amor conjugal com todo o seu esplendor e votos de eternidade permanece, como permanecem os seres espirituais e livres que se dedicaram um ao outro (...) A viúva permanecerá unida em espírito ao seu marido, que em Deus lhe sugerirá as atitudes a tomar, lhe dará autoridade e clarividência."

Do Padre Caffarel

O que ensina (Pio XII) é claro: para além da morte de um dos cônjuges, o vínculo carnal já não existe, nem o vínculo legal, nem o sacramento do matrimónio – que, como todos os sacramentos, pertence à Igreja da Terra. Estas realidades desaparecem, tal como caem os andaimes quando o edifício é concluído. Mas o casal, esse, permanece. No entanto, permanece o amor conjugal, a alma do casal, que, entre dois *"seres espirituais e livres"*, transcende o ímpeto e a união dos corpos; e, evidentemente, na condição de que este amor seja, de facto, dom recíproco, sempre atual porque já não há nem dom fixo nem chama fixa. Os cônjuges poderão mesmo experimentar uma *"presença"* mútua, *"mais íntima, mais profunda, mais forte"* quando já forem viúvos. No dia do eterno reencontro, eles irão amar-se com uma perfeição de amor insuspeita sobre a terra, porque se conhecerão um ao outro totalmente transparentes para esse Deus que cada um vê cara a cara. Então, o casal, tendo alcançado a sua realização perfeita, cumprirá plenamente a sua vocação: será finalmente um louvor perfeito ao criador Deus que fez a união do homem e da mulher à sua imagem e a Cristo salvador que não só a restaurou depois do pecado original como a tornou ainda mais admirável, imagem e sacramento da sua união com a Igreja. (*Compagnons d'éternité?* Carta das ENS, dez 1987, p. 12)

Papa Francisco

AMORIS LÆTITIA

255... A sua presença física já não é possível; é verdade que a morte é algo de poderoso, mas «forte como a morte é o amor» (Ct 8, 6). O amor possui uma intuição que lhe permite

escutar sem sons e ver no invisível. Isto não é imaginar o ente querido como era, mas poder aceitá-lo transformado, como é agora. Jesus ressuscitado, quando a sua amiga Maria Madalena quis abraçá-Lo intensamente, pediu-lhe que não O tocasse (*cf.* Jo 20, 17) para a levar a um encontro diferente.

257. Uma maneira de comunicarmos com os seres queridos que morreram é rezar por eles. Diz a Bíblia que «rezar pelos mortos» é «santo e piedoso» (2 Mac 12, 44-45). Rezar por eles «pode não só ajudá-los, mas também tornar mais eficaz a sua intercessão em nosso favor». O Apocalipse apresenta os mártires a interceder pelos que sofrem injustiça na terra (*cf.* 6, 9-11), solidários com este mundo em caminho. Alguns Santos, antes de morrer, consolavam os seus entes queridos, prometendo-lhes que estariam perto ajudando-os. Santa Teresa de Lisieux sentia vontade de continuar, do Céu, a fazer bem. E São Domingos afirmava que «seria mais útil, depois de morto (...), mais poderoso para obter graças». São laços de amor, porque «de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo; mas (...) é reforçada pela comunicação dos bens espirituais».

325. As palavras do Mestre (*cf.* Mt 22, 30) e as de São Paulo (*cf.* 1 Cor 7, 29-31) sobre o matrimónio estão inseridas – não por acaso – na dimensão última e definitiva da nossa existência, que precisamos de recuperar. Assim, os esposos poderão reconhecer o sentido do caminho que estão a percorrer. Com efeito, como recordamos várias vezes nesta Exortação, nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada numa vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar. Há um apelo constante que provém da comunhão plena da Trindade, da união estupenda entre Cristo e a sua Igreja, daquela comunidade tão bela que é a família de Nazaré e da fraternidade sem mácula que existe entre os Santos do céu.

Testemunho

Desde aquele mês de inverno em que Elisabeth* se juntou ao Pai há sete anos, legalmente, tanto do ponto de vista do Código de Direito Civil como do Código de Direito Canónico,

já não somos casados. A nossa comunidade jurídica foi dissolvida, o sacramento deixou de ter os seus efeitos. E, no entanto...

E, no entanto, Elisabeth está sempre muito próxima de mim todos os dias e provavelmente de forma mais consistente do que em certos momentos dos nossos 36 anos de matrimónio. Claro que há memórias de dias felizes, as alegrias e as tristezas; os filhos e os netos que prolongam estas memórias. E como é bom recordá-los apesar da nostalgia que suscitam! Há também os arrependimentos pelo que não pude dizer ou fazer.

Mas não é apenas isso: não se pode viver no presente e no futuro com o olhar fixado apenas no espelho retrovisor. A Elisabeth está presente hoje como ontem, falo com ela todos os dias, invoco-a, peço-lhe conselhos para a minha vida, os meus compromissos, as minhas responsabilidades familiares.

O local deste encontro é a Eucaristia. Durante a missa, mais frequentemente nesta igreja onde fomos paroquianos há 24 anos, encontro-a porque sei que ela está junto do Senhor que se faz presente no altar.

E é a ela, desde que adoeceu, que devo esta prática quase diária que me é necessária e à qual procuro manter-me fiel desde que ela já não está aqui (e apesar de as minhas orações pedindo a cura não terem tido resposta...). No início rezo para que, se porventura – o que não acredito – ela ainda não estiver na luz de Cristo, ela a alcance muito rapidamente.

Confio-lhe então muitas pessoas e situações.

Peço-lhe, em primeiro lugar, que proteja e esclareça os nossos filhos, afilhados e netos, especialmente aqueles que ela não conheceu aqui em baixo e aqueles que vão nascer em breve. Também lhe peço que interceda junto da Santíssima Virgem por isto ou aquilo, quer seja para que o Senhor a receba no Céu ou para os guiar na Terra.

Há verdadeiramente a comunhão dos santos!

Elisabeth, a boa conselheira, durante toda a sua vida e muito especialmente nos últimos meses da sua doença, impressionava-me com a sua lucidez, a segurança e a benevolência dos conselhos que prodigalizava em família ou junto desta ou daquela amiga que os solicitasse, pensando nos outros em primeiro lugar.

Não me revoltei contra a sua morte (mas contra a sua doença, sim), sabíamos que a sua peregrinação nesta terra se estava a aproximar do fim e que eu ficaria sozinho “in haclacri-marumvalle” (neste vale de lágrimas, Salve Regina): Senhor que seja feita a Tua vontade (neste momento é difícil de dizer, mas...). Nós amámo-nos ainda mais nos últimos meses e é esse mesmo amor que nos une ainda hoje, porque acredito que ela ainda me ama.

No início, estava sempre a dizer a mim mesmo: não envelhecemos juntos...

É verdade que o sofrimento indescritível da separação está presente todos os dias, mas sem ela, sem a minha bússola, eu estaria perdido. Não só perdido sobre a Terra, mas talvez perdido para o Céu, onde sei que nos reencontraremos, mesmo que me seja difícil imaginar como.

Jean*

* Os nomes próprios foram alterados.

4. Questões para o Dever de Se Sentar

O nosso amor é chamado à eternidade em Cristo: obrigado, Senhor, por esta dimensão na qual talvez pensemos muito pouco. Façamos memória de tudo o que fez crescer o nosso amor e demos graças.

(As questões propostas para o Dever de se Sentar não devem substituir as questões relativas à vida privada do nosso casal, que é bom que nos coloquemos regularmente).

5. A reunião da equipa

A – Pôr em comum

- Pôr em comum as experiências do mês, quer as que foram significativas na vida de cada um em particular, quer do casal.
- Partilhar como apoiamos, ou as nossas dificuldades em apoiar, os viúvos e as viúvas à nossa volta.

B – Tempo de oração

Ef 1, 3-14

Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo.

Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor.

Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem-amado.

É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça, que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência.

Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra.

Foi também em Cristo que fomos escolhidos como sua herança, predestinados de acordo com o desígnio daquele que tudo opera, de acordo com a decisão da sua vontade, para que nos entreguemos ao louvor da sua glória, nós, que previamente pusemos a nossa esperança em Cristo.

Foi nele, ainda, que vós ouvistes a palavra da verdade, o Evangelho que vos salva. Foi nele ainda que acreditastes e fostes marcados com o selo do Espírito Santo prometido, o qual é garantia da nossa herança, para que dela tomemos posse, na redenção, para louvor da sua glória.

C – Partilha de um PCE: *Oração*

A **oração** ajuda-nos a tomar consciência do Reino que já está a ser construído nas nossas vidas.

D – Questões para a troca de impressões sobre o tema

1. “Estar ciente deste propósito, da eternidade do amor”: de que forma concreta podemos passar a considerar a dimensão de eternidade do nosso amor?
2. “Não há crescimento sem combate, não há missão sem Cruz”: troca de impressões sobre um combate que vos tenha permitido crescer.
3. Na entreaajuda para fazer crescer o amor dos cônjuges dentro das equipas está em jogo a santidade individual, mas sobretudo o destino eterno do amor dos cônjuges: em que é que a nossa equipa nos ajuda a fazer crescer o nosso amor?
4. O que descobri de belo neste texto: Obrigado Senhor. Em que medida põe em causa as minhas certezas e encoraja a minha esperança.
5. Fiquei particularmente marcado por um ponto, que decidi aprofundar? Apresento-o à equipa.
6. Há alguma coisa neste texto que me sugira uma regra da vida?

(NB: O casal que anima o encontro escolhe as questões mais adequadas à equipa. Também pode reescrevê-las ou colocar outras.)

E – Oração litúrgica

SL 148

Aleluia! Louvai ao Senhor do alto dos céus; louvai-o nas alturas!
todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos celestes!
Louvai-o, Sol e Lua; louvai-o, estrelas luminosas!
Louvai-o, alturas dos céus e águas que estais acima dos céus!
Da terra, louvai o Senhor; monstros do mar e todos os abismos;
fogo e granizo, neve e neblina;
vento tempestuoso, que obedece à sua palavra;
montanhas e todas as colinas;
árvores de fruto e todos os cedros;
os jovens e as donzelas, os velhos e as crianças!

F – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.



Balanço

OBJECTIVO

A nossa vida em equipa ajuda-nos a ser missionários pela ajuda que trás à nossa vida espiritual (só podemos transmitir o que vivemos de forma autêntica) e na nossa missão em relação ao nosso cônjuge. É o local da nossa missão em relação aos outros membros da equipa e o nosso suporte para a nossa missão no mundo. Daí a importância de fazer todos os anos um balanço da vitalidade da nossa equipa.

A reunião de balanço é um momento especial de partilha e de **entreajudá** para viver num clima de oração, de verdade e de comunhão. Com um espírito de caridade, todos são convidados a avaliar o seu percurso pessoal e de casal, bem como a situação da equipa, evocando as suas dificuldades e alegrias, para determinar os aspetos que precisam de ser reforçados, preservados ou, se necessário, corrigidos.

«... O essencial é procurar a vontade de Deus para o casal e para a equipa e discernir o seu apelo para viver mais autenticamente o amor de ágape que é a alma de qualquer comunidade cristã.»

1. Texto bíblico: Mt 13, 1-9

Reflexões a partir da Palavra de Deus

A parábola do semeador fala primeiro de Jesus, o nosso Redentor, que nos quer apresentar a sua missão e o significado da sua presença entre nós usando a comparação do semeador.

Numa passagem anterior à que é hoje proposta, o evangelista São Mateus escreve: "Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e doenças." (Mt 9, 35). Jesus vê-se assim como uma pessoa que é enviada para "proclamar o Evangelho do Reino". Quando Jesus começa a sua atividade pública atribui a si mesmo um texto do profeta Isaías que diz: "O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres... e proclamar um ano favorável da parte do Senhor." (Lc 4, 17-19). Jesus afirma que estas palavras proféticas se realizam n'Ele: Foi enviado "para anunciar a Boa Nova", para "proclamar um ano favorável". O significado profundo desta "parábola autobiográfica" (Bento XVI) é este: como o semeador que saiu para espalhar a semente, Jesus sai da casa de Nazaré para semear em todos a Boa Nova, a alegre mensagem de Deus que salva o homem.

Quando o Papa Francisco fala de uma "Igreja em saída" (Exortação Pós-sinodal *Evangelii Gaudium*, 24) é inspirado pelo semeador que, sem ceder à fadiga, percorre todos os campos do mundo até aos lugares das suas fragilidades e das suas baixezas, das suas fraquezas e contradições, diria mesmo até ao ponto de blasfemarem contra Ele. O semeador continua a atirar sempre a boa semente. Temos a impressão de que ele atira a semente ao acaso, mas creio que hoje podemos interpretar esta forma de semear como um ensinamento de Jesus sobre como ser missionário. A missão não é uma questão de estratégias ou de uma determinada atividade a adicionar ao tecido que é a nossa existência quotidiana. Acima de tudo, trata-se de levar uma palavra portadora de uma Presença e alimentada todos os dias por uma experiência de fraternidade, que volta a colocar, todos os dias, a todas as pessoas a pergunta "quem sou eu?", de onde venho, mas sobretudo "para onde vou e porquê?". (...)

A parábola deste semeador, que é o Senhor, que semeia abundantemente, ajuda-nos a crescer na consciência e no compromisso de acolher a Palavra de Deus e de a fazer dar fruto. Há tantos riscos e tantas situações em que a Palavra de Deus não dá frutos, não por causa da inação de Deus, que não poderia ser mais ativo na sua ação, mas por causa das nossas distrações, das nossas superficialidades, das nos-

sas tentações. Assim, o semeador Jesus espalha a sua semente por todo o lado, poder-se-ia dizer que com “desperdício”, não descartando nenhum pedaço de terra, acreditando que todos os solos são dignos de confiança e atenção. Assim, a Igreja, através dos bispos, dos sacerdotes e de todos os fiéis, deve oferecer a Palavra a todos e deve fazê-lo sem se poupar a esforços.

Esta é a vocação de todos os cristãos. Todos somos semeadores da Palavra, desde o Papa até ao último batizado. Não estamos todos ao mesmo nível e com as mesmas responsabilidades, mas somos todos semeadores encarregados de levar a Palavra ao mundo, sabendo que a Palavra é a nossa vida mesmo antes da nossa voz.

Todas as manhãs, todos os cristãos deveriam sair de casa para ganhar com que se sustentar materialmente, mas também espiritualmente, *“saindo para semear Cristo, semente que se torna Pão”*, sem perder a coragem se uma parte da semente cair em terras que não são boas. (...)

(Fonte : Zenit- comentário das leituras do 15º domingo do tempo Comum, ano A, 13 de julho de 2014, Mgr Francesco Follo
[RomaNouvellesdu monde](#))

2. Textos de Padre Caffarel

Primeira responsabilidade apostólica do lar e a mais característica: fazer crescer o Povo que pratica o culto, assegurar a perenidade do culto do verdadeiro Deus na Terra através do exercício deste poder que é próprio do casal, o poder procriador, e através da educação.

Segunda responsabilidade, não menos imperiosa, é o apóstolado “profético” do casal. No sentido bíblico da palavra, o “profeta” é o homem que fala em nome de Deus. Pela sua vida, pelo seu exemplo, pelo seu comportamento, o casal cristão deve proclamar a doutrina do matrimónio.

Terceira responsabilidade: se o lar cristão é uma célula da Igreja, se é parte interessada do Mistério da Igreja, tanto os que lá vivem como os que lá entrem nele devem poder encontrar e tirar partido da vida da Igreja.

Quarto aspeto da responsabilidade apostólica do lar: se há um apostolado individual fora do lar, [o lar] é a comunidade da Igreja onde cada membro da família vem ganhar novas forças para voltar a partir com um novo impulso.

Quinta forma do apostolado do lar: o apostolado da oração, desta vida de culto que é o primeiro e essencial aspeto da sua vocação sacerdotal. (AO, 111-112, 225-240)

Assim, contribuir para a santificação do lar não é apenas santificar o que nos rodeia, como acabo de demonstrar, mas é ainda santificar os amanhã. Quando Cristo se refere ao lar, capta a própria fonte da vida. Depois de santificado, o rio é por sua vez santificado – o rio, isto é, as gerações de amanhã. No lar de hoje, é a Igreja que construímos que sobe para a vida... a ação apostólica não progride apenas no plano horizontal: alcançar cada vez mais homens, mas também em profundidade: fazer o divino penetrar no mais profundo do ser humano, no mais carnal, no mais temporal. (AO, 111-112, 305-321)

Na reunião de “balanço” da equipa, todos os casais deverão responder não à pergunta: “Sentimo-nos bem no Movimento (este não é um jardim infantil para adultos!) – mas antes a esta: “Estamos nós profundamente decididos a comprometermo-nos a fundo nas Equipas, e com a ajuda das Equipas na missão de testemunhar a Deus, no meio deste mundo que a maré enchente do ateísmo ameaça submergir?” (HC, *As ENS face ao ateísmo*, 1970)

3. A reunião da equipa

A – Leitura e meditação da Palavra

Mt 13, 1-9

Mais tarde, naquele mesmo dia, Jesus saiu de casa e desceu até ao mar. Logo se juntou uma multidão imensa, pelo que entrou num barco e se sentou nele, enquanto a multidão ficava na praia. E explicou-lhes muitas coisas por meio de parábolas como esta: “Certo homem foi semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em solo pedregoso e

com pouca terra; como o solo não tinha profundidade cresceram logo. Mas quando o sol rompeu, murcharam; e como não ganharam raízes, acabaram por secar. Outras caíram entre espinhos que, em pouco tempo, sufocaram os rebentos. Outras, porém, caíram em bom solo e deram uma colheita de cem, sessenta ou trinta vezes mais. Quem tem ouvidos, ouça!

B – Salmo Responsorial do dia

C – Pôr em comum

Seremos breves no pôr em comum das nossas notícias, para nos concentrarmos no balanço da nossa vida em equipa (partilha e tema sendo objeto de um balanço específico):

1. Ser equipa

"Uma Equipa de Nossa Senhora não é uma simples comunidade humana; reúne-se "Em Nome de Cristo" e quer ajudar os seus membros a progredir no amor de Deus e no amor ao próximo..." (Carta das Equipas Nossa Senhora)

A nossa equipa fez progressos em termos de escuta, de respeito dos pontos de vista, de apoio, de encorajamento? Será que todos conseguiram encontrar o seu lugar, expressar-se, nem demasiado nem muito pouco?

Identifiquemos se estamos a passar por situações particulares ou difíceis na equipa, entre os seus membros.

Partilhamos verdadeiramente? Se fomos magoados por um ou outro membro da equipa, fomos capazes de falar sobre isso respeitando-nos uns aos outros?

De que meios a nossa equipa se socorreu para se unir mais?

2. As nossas reuniões

- Como nos preparamos: por escrito? Com o conselheiro ou orientador espiritual?
- O pôr em comum: tivemos a preocupação de o preparar antes da reunião para sermos concisos ao relatar 2 ou 3

eventos marcantes? Estes eventos alimentaram a nossa oração? Foi benéfico para a nossa equipa?

- Como vivemos o tempo da oração em equipa? Qual é a importância que lhe damos?
- Que lugar atribuem os casais da nossa equipa ao conselheiro ou acompanhante espiritual?
- Como é que o conselheiro ou acompanhante espiritual vive o seu papel de equipista?
- Que vínculos mantemos com o Movimento? Que espaço demos ao nosso casal de ligação? Em termos concretos, deixámo-nos interpelar pela Carta, pela página da Internet, pelo boletim informativo ou pelos encontros do setor, da região, da província ou a nível supra-regional, para podermos progredir na nossa fé? Tendo em conta tudo o que o Movimento nos traz, interroguemo-nos sobre o nosso contributo financeiro para que o Movimento possa viver e desenvolver-se?

D – Partilha

Só podemos transmitir o que vivemos de forma autêntica. Portanto, só podemos ser missionários enquanto continuarmos a procurar progredir na nossa vida espiritual.

A Partilha, como vimos ao longo das nossas reuniões deste ano, é uma comunicação aprofundada sobre a vida do casal, centrada nos Pontos Concretos de Esforço (PCE). Estes PCE são as colunas ou as traves mestras da vida interior do casal que pertence às Equipas de Nossa Senhora, isto é, da espiritualidade conjugal.

Por isso, é necessário, para que sejam uma verdadeira Igreja, que durante as nossas reuniões mensais a Partilha seja feita sobre os PCE, sabendo como relatar as verdadeiras experiências de vida do casal, e para que os casais, acompanhados pelo conselheiro espiritual, possam entreajudar-se em profundidade.

Na Partilha não basta, portanto, dizer se o casal observou ou não os PCE, mas com base nisso, fazer uma verdadeira partilha da vida espiritual.

Para o casal:

- Que progresso espiritual sentiu o casal durante o ano?
- Em que medida os PCE ajudaram o casal no seu progresso espiritual?
- Quais os PCE que provocaram uma mudança significativa de atitude na vida de cada um e na vida do casal?

Para a equipa:

- Como avaliam a Partilha durante a reunião de equipa ao longo do ano?
- Que contributo receberam dos outros casais?
- Como pode o conselheiro espiritual contribuir para o crescimento da equipa?

Para o Movimento:

- O Movimento (ao nível de Setor, Região, Província, Supra-Região e Internacional) propôs oportunidades de formação na mística dos PCE e da Partilha? Quais foram? Como tirou partido dessas oportunidades de formação?

E – Troca de impressões sobre o tema

- O que mais vos tocou – ou foi realmente benéfico para o crescimento da vossa espiritualidade conjugal e do vosso compromisso missionário – em cada capítulo deste tema de estudo?
- Os textos do Padre Caffarel, usados neste tema de estudo, distam cerca de 50 a 70 anos dos escritos atuais do Papa Francisco. O que pensam da atualidade do pensamento do Padre Caffarel no que diz respeito à missão do casal? Ainda representa nos dias de hoje uma contribuição para a teologia do matrimónio?

F - As nossas áreas de progresso e o nosso compromisso para o próximo ano

Nas Equipas de Nossa Senhora, não estamos comprometidos com o sucesso, mas com o progresso, cada um no seu próprio

ritmo. Na sequência das nossas trocas de impressões, que áreas de progresso atribuímos a nós próprios?

“As equipas não são jardins infantis para hipócritas, nelas reúnem-se incansáveis buscadores de Deus, são formadas por casais desejosos de viver sua fé. [...] Quem delas faz parte deve entrar no jogo com franqueza”.

Conscientes da nossa liberdade, mas também das exigências que o movimento nos convida a seguir de acordo com as nossas capacidades, escolhemos continuar no próximo ano o caminho proposto pelas Equipas de Nossa Senhora?

Sendo o casal responsável da equipa o pastor da equipa, a sua missão tem três dimensões: a dimensão espiritual, a dimensão humana e a abertura ao movimento. Se o desejar, pode dar testemunho de como viveu a sua missão.

Elegemos um novo casal responsável pela equipa. Esperamos no próximo ano uma animação especial (no sentido de dar uma alma) da sua parte, especialmente durante o tempo de partilha, cuja animação lhe competirá ao longo do ano?

G – Envio dos casais em missão

Para solenizar o envio em missão do novo casal responsável da equipa, o casal responsável que cessa pode entregar-lhe uma vela acesa ou outro objeto que simbolize a responsabilidade espiritual; o conselheiro ou orientador espiritual pode abençoar o novo casal responsável da equipa.

Também pode abençoar os membros da equipa, enviados em missão durante este tempo sem reuniões, quer partam ou não em férias. *“Todas as manhãs, todos os cristãos deveriam sair de casa para ganhar com que se sustentar materialmente, mas também espiritualmente, “saindo para semear Cristo, semente que se torna Pão”, sem perder a coragem se uma parte da semente cair em terras que não são boas.”*

H – Orações finais

- Pela beatificação do Padre Caffarel.
- Magnificat.

Anexos

1. Abreviaturas e classificações

L'Anneau d'Or (AO):

Cahiers de spiritualité conjugale et familiale, revista fundada pelo Padre Caffarel em 1945 e publicada até 1968.

Estas duas edições são da autoria, na sua totalidade, do Padre Caffarel:

Número especial 111-112: "Matrimónio, esse grande Sacramento", maio-agosto de 1963.

Número especial 117-118: "Matrimónio, caminho para Deus", maio-agosto de 1964.

HC (Henri Caffarel):

As Equipas de Nossa Senhora face ao ateísmo: Henri Caffarel, *As Equipas Nossa Senhora. Expansão e missão de casais cristãos*, Paris, Equipas de Nossa Senhora, 1988.

Conferência de Chantilly, 1987: Palestra do Padre Henri Caffarel no Encontro de Responsáveis Regionais Europeus, Chantilly, 3 de maio de 1987.

But de la Cordée: Henri Caffarel, Documento sobre a *Cordée*, primeira denominação da Fraternidade de Nossa Senhora da Ressurreição. Instituto para viúvas consagradas.

Vocação e Missão: *Vocação e Missão no limiar do terceiro milénio*, Equipas de Nossa Senhora, Equipa Responsável Internacional, Fátima, julho 2018.

A Missão do Amor: Tema das Equipas de Nossa Senhora, 2017-2018.

2. Oração pela beatificação do Padre Henri Caffarel

Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraíu sem reservas para o Teu Filho
e o inspirou a falar d'Ele.

Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade
e a beleza da vocação de cada um, segundo a palavra
que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".

Ele entusiasmou os esposos para a grandeza
do Sacramento do Matrimónio,
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre
Cristo e a Igreja.

Mostrou que padres e casais são chamados a viver
a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes pelo caminho
da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por Ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora,
Nós Te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará
a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o Teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus nosso Pai,
invocamos o Padre Caffarel para... (*indicar a graça a pedir*),
Ámen.

Oração aprovada por Dom André Vingt-Trois – Arcebispo de Paris.
"Nihilobstat": 4 de janeiro de 2006 – "Imprimatur": 5 de janeiro de 2006.
No caso de obtenção de graças com a intercessão do Padre Caffarel,
entrar em contato com o casal coordenador
da Associação dos Amigos do Padre Caffarel.
Na Supra Região Portugal: pe.caffarel@ens.pt

3. Oração da Partilha

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de Vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias. Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos. Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos; ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus. Neste momento também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade. Ámen.

4. Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!

Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Ámen.